Manchete
Esportiva

REVISTA SEMANAL — N.º 22 — 21 DE ABRIL DE 1956 — CR$ 7,00

BRASIL 1 x "FERRÔLHO" SUÍÇO 1

FLAMENGO x INTERNACIONAL

BRASIL x ÁUSTRIA

CARLOS GOMES CAIU DA BICICLETA

BIBLIOTECA Rio de Janeiro

O FEITICEIRO E O FEITIÇO DO TRI-CAMPEONATO

A NATAÇÃO PELO BALLET

TEXTO DE MEG

FOTO DE JANKIEL

Amália, Cisne de Verdade

Amália Chess foi garotinha que nasceu e cresceu no Flamengo. Sempre morou perto do mar e cedo começou a mergulhar gostoso e a bater pé. Depois de mocinha foi aperfeicoar seu estilo no Fluminense e quando estava prontinha para dar pontos ao Fluminense, viu o ballet aquático de Crisca Cotton e largou a natação. Tempo para as duas coisas não tinha mesmo e entre os dois amores, ficou com o ballet. Mas isso tem uma explicacão. Amália estudou cinco anos de ballet. Barra, duas, três horas por dia, tanto sacrifício para no fim a família não querer ouvir falar em ballet. Abandonou então todos os seus bonitos sonhos de dançarina, de vestir aquelas roupas lindas e de esvoaçar num palco. Foi aí que apareceu o ballet aquático e Amália sentiu renascer a sua velha alegria. Já que não podia dançar no palco ia então ser uma bailarina da água, encantando esportivamente os olhos. Filha de pai rumeno e de mãe húngara, para alegrar o papai quis aprender russo. Mas papai era um professor impiedoso e ou ela falava a língua em uma semana ou nada. E o começo foi tão apavorante que Amália preferiu esquecer o russo antes de começar. Fala francês bem e está correndo com seu inglês para ir aos Estados Unidos fazer um curso de dança moderna. Quer ter, na volta, uma academia de dança moderna. Acha isso grande demais, mas até lá já não será um brôto. Considera a melhor coisa desta vida, viajar. E está contando os dias que a separam de sua primeira viagem. Só fica de mau humor quando acorda cedo. Verde é a sua côr. E saias rodadas, blusas alegres e sandálias bem abertas, os seus trajes preferidos. Já estêve apaixonada e acha que todo o mundo de vez em quando está nesse estado. Por causa de um namorado deixou de concorrer ao título de Rainha da Primavera. O namorado se foi e o título está com outra.

A loura Amália, de olhos azuis, dá pouquíssima importância à maquilagem. Prefere usar e abusar de seu encanto natural, de suas côres suaves. Defeitos, talvez tenha. Mas pequenos, que nem apareceram ainda.

Sete gols para valer três

O que ressaltou aos olhos dos austríacos na esplendorosa vitória obtida pelos brasileiros foi o verdadeiro esbulho do árbitro. E a platéia, em momento algum deixou de fazer justiça aos visitantes. E' de pasmar! Sete gols foram marcados pelos brasileiros. Sòmente três valeram. E, assim mesmo porque, de tão nítidos, tão dominadores, tão irrefutáveis, não houve descaramento possível para anulá-los. Os 3x2 contra a Áustria figuram, desde já, na história do futebol brasileiro. Uma de suas maiores jornadas. A conquista com jôgo cadenciado em ritmo de samba dos terceiros do mundo em sua própria casa. Na sinfonia do batuque que apagou a valsa do Danúbio restou a visão final do gol de Didi, o maior em campo. Driblou três adversários, e, de 18 metros, fuzilou o arco. Era a vitória justa, líquida e insofismável do selecionado brasileiro frente ao austríaco.

Audiência Extra!

Eis o que lhe oferece a

RÁDIO ELDORADO

do Rio de Janeiro:

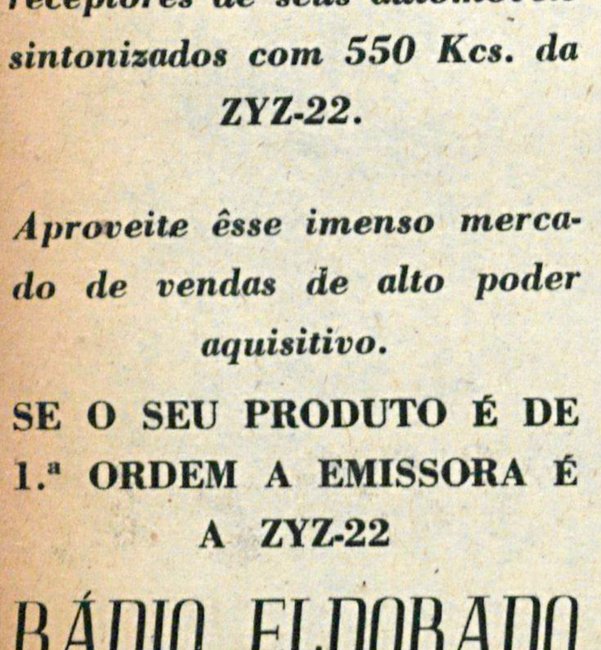
— pesquisas recentes provaram que 80% dos automobilistas que trafegam pelas ruas e estradas do Distrito Federal e adjacências trazem sempre os receptores de seus automóveis sintonizados com 550 Kcs. da ZYZ-22.

Aproveite êsse imenso mercado de vendas de alto poder aquisitivo.

SE O SEU PRODUTO É DE 1.ª ORDEM A EMISSORA É A ZYZ-22

RÁDIO ELDORADO

"o mínimo de palavras . . . o máximo de prazer para os ouvintes"

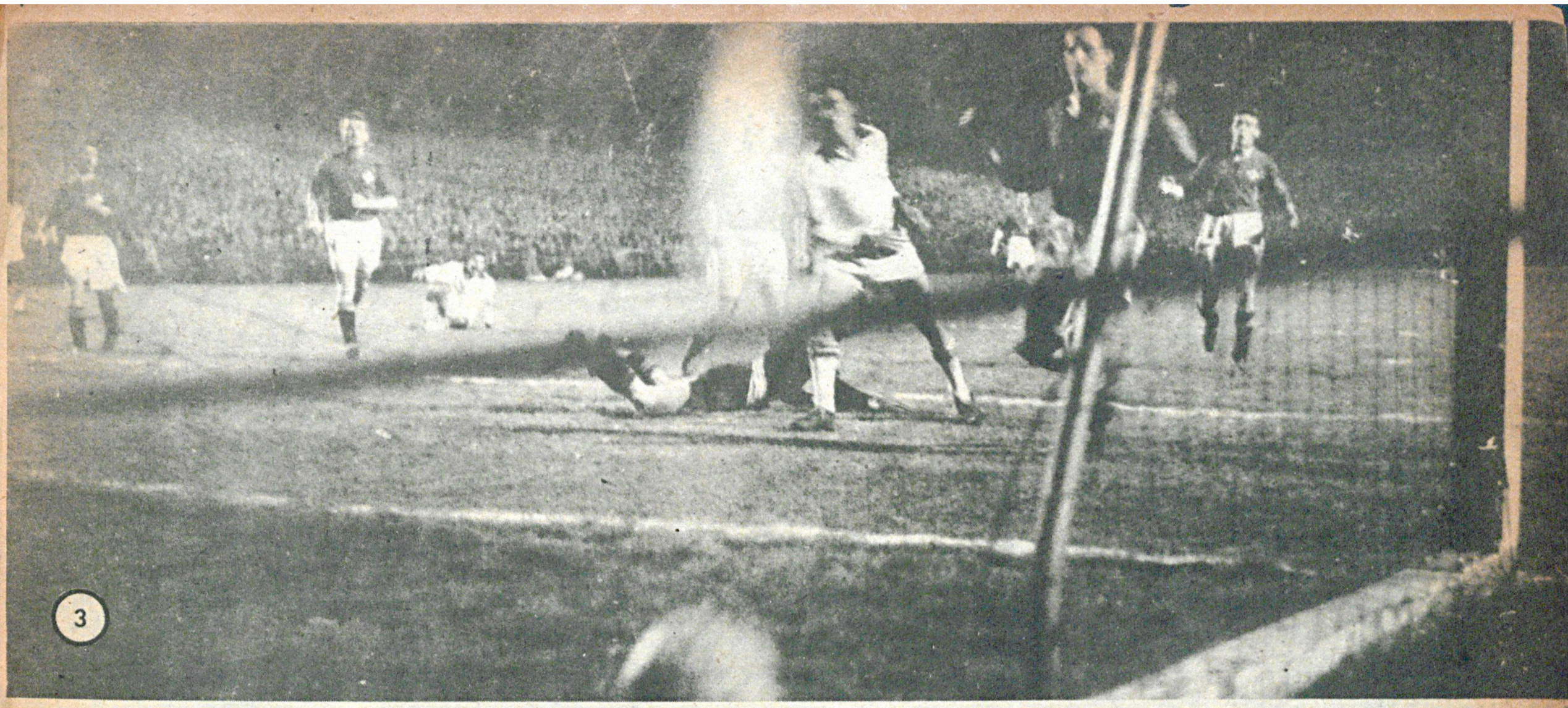


GINO ARTILHEIRO — Eram decorridos 7 minutos do segundo período e a Suiça vencia por 1x0. Evaristo (que substituira Válter), avança com ímpeto e atira; a bola bate no arqueiro Permunian e volta, para Gino, com seu proverbial senso de oportunismo, enviar às rêdes. Era o empate, que perduraria até o final. Na seqüência de Jader Neves, todos os lances do gol.

1950: 2 x 2; 1956: 1 x 1

FLÁVIO NÃO ENCONTROU A "CHAVE" DO "FERRÔLHO"

ZURIQUE, abril (De JADER NEVES, Especial para MANCHETE ESPORTIVA) — Ainda não foi desta vez que o Brasil conseguiu triunfar sôbre a Suíça. Após a peleja diante de Portugal, com o econômico marcador de 1x0, esperava-se um superior desempenho da representação brasileira diante dos suíços. Incentivados, contudo, por cêrca de 40 mil espectadores (renda de aproximadamente três milhões de cruzeiros), os locais, aplicando o seu tradicional "ferrôlho", conseguiram parar o ataque nacional, que se ressentiu de uma coordenação mais acentuada. A exibição dos brasileiros, especialmente no 1.º tempo, deixou muito a desejar. Com a entrada de Evaristo, na segunda etapa, substituindo Valter, a ofensiva ganhou em objetividade e alcançou o empate. A abertura da contagem verificou-se aos 20 minutos. Balaman, de posse do couro, atirou violentamente. De Sordi interveio com infelicidade e aninhou contra suas rêdes. Aos 7 minutos do 2.º período foi que o Brasil empatou. Evaristo dominou a pelota e chutou forte, o arqueiro defendeu e soltou, sobrando para Gino completar. Com o gol de empate, os suíços esmeraram-se mais ainda na aplicação do "ferrôlho", recuando o meia de apoio Pastega (que, aliás, aplicou um sôco desnecessário em Roberto, quase desvirtuando uma correta partida). E, com o panorama de luta entre o ataque brasileiro e a defesa suíça, foi a partida correndo, até que o árbitro deu a peleja por finda, com 1x1 no placard. Impressão dominante: resultado justo. A imprensa local elogiá o time brasileiro, especialmente o arqueiro Gilmar. "São artistas que cobrem o terreno e que fazem pressagiar uma equipe perigosa por excelência quando atingirem a homogeneidade que ora buscam" (La Suisse). Arbitrou a peleja o juiz alemão Schwemetzer, com boa atuação. As equipes jogaram assim, no Estádio do Grasshoppers: SUÍÇA — Permunian; Perrouchoud e Dutoit; Roesch, Volanthen e Kerner; Chiesa, Ballaman, Meyer (Scheller), Pastega e Riga. BRASIL — Gilmar; De Sordi e N. Santos; Djalma Santos, Zózimo e Roberto; Sabará (Paulinho), Valter (Evaristo), Gino, Didi e Escurinho. E' estranho que, seis anos depois, o "ferrôlho" ainda seja um mistério para o Brasil...



3

4

5

Um pouco mais de chance e o Brasil teria vencido a Suíça. Nesta jogada, a bola passa rente ao poste, apoiando o goleiro Permunian na trave lateral (foto de Jader Neves).

Agora – Nova fórmula de creme de barbear para barbas com maior confôrto e perfeição

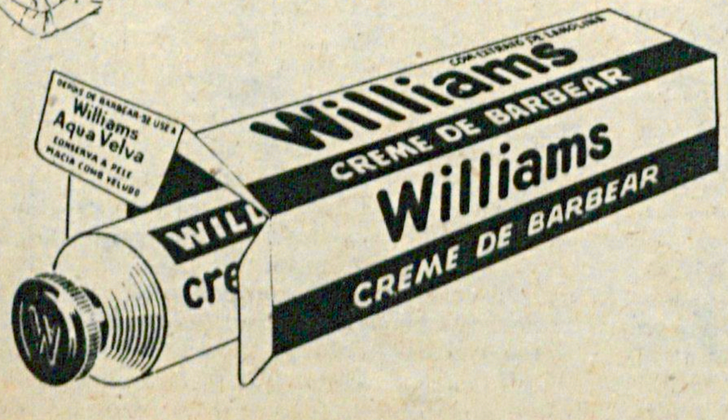
Barbas perfeitas e rápidas como Você nunca conseguiu... maior proteção para a pele sensível ao barbear diário!

Finalmente Você pode gozar agora de *ambos* os benefícios desejados de um creme de barbear! Êles estão à sua disposição no *novo* Creme de Barbear Williams, com sua nova fórmula baseada no Extrato de Lanolina *exclusivo!*

1.º - Você consegue barbas mais perfeitas e mais rápidas. A nova fórmula Williams, com seu rico Extrato de Lanolina, amacia as barbas mais fortes... proporcionando barbas bem escanhoadas.

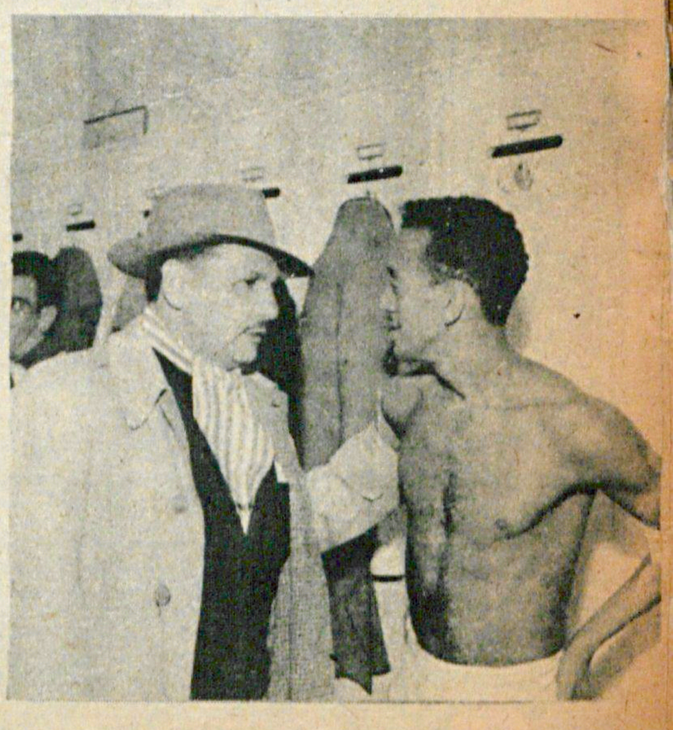
2.º - O barbear fica muito mais confortável. O Extrato de Lanolina, exclusivo da Williams, protege sua face... previne o ressecamento da pele, preservando seus óleos naturais.

Êste *novo* Creme de Barbear Williams é fabricado pelo maior produtor norte-americano de artigos finos para barba. Há 115 anos "The J. B. Williams Co." supre com produtos para barba os homens que sabem escolher. Goze das vantagens de tôda essa experiência – compre ainda hoje o *novo* Creme de Barbear Williams!



"FALTOU SORTE"

No vestiário brasileiro, após o jôgo, Flávio confessava: "Tivemos falhas infantis no 1.º tempo. A entrada de Evaristo, sem dúvida, deu outra vida ao ataque". Gino reclamava de um pênalte sofrido, quando foi "sanduichado" dentro da área e Evaristo lamentava-se da chance: "Encostamos os suíços na parede e o gol nada de sair. E' muito azar!" De Sordi estava desconsolado com o gol contra: "Tentei desviar para escanteio, mas tudo saiu ao contrário". Roberto não compreendia a atitude de Pastega: "O jôgo estava indo tão bem e êle me faz aquilo e ainda mais sem bola. O sôco pegou bem na bôca do estômago e eu cheguei a cambalear..." Geraldo Starling, no vestiário, achou o prélio emocionante, mas o escore injusto.



Quatro Gols Para Comemorar o Tri

Cuicas e tamborins — e até conjunto tìpicamente escocês — bandeiras e lenços acenados saudaram os tri-campeões da cidade, no Maracanã. A festa foi tìpicamente de comemoração. Até o placar histórico, os 4x1 que aniquilaram o América, foi repetido. E, vejam só a coincidência, o Internacional também tem camisa vermelha! Para não desvirtuar, para que a memória do torcedor retrocedesse convenientemente no tempo, houve a exibição de Dida, ontem, como na finalíssima, o maior homem em campo.

O grande mérito do Flamengo foi saber explorar com rapidez e objetividade todos os titubeios da retaguarda sulina. Em tôdas as oportunidades que agiu assim, o rubro-negro levou perigo sério à meta defendida por La Paz. Êste, diga-se de passagem, cercou um "frango" no segundo gol. Frangaco legítimo. Se recordarmos que o quarto gol do Flamengo foi marcado com Dida e Joel impedidos, chegaremos talvez à conclusão que o marcador foi por demais contundente. A luz das regras, terá sido, sem dúvida. Mas o próprio jôgo nos mostrou que jamais o Flamengo poderia ter vencido de menos. Pelo contrário o placar poderia até ser mais elástico. Time por time, o Flamengo teve mais presença.

Dos campeões panamericanos apresentados pelo Internacional, Odorico foi o craque de sempre. Marcando bem, antecipando-se aos atacantes em inúmeros lances e distribuindo a contento. Bodinho fêz um bonito gol, confirmando suas qualidades de atirador número um dos Pampas. Florindo falhou e acertou, enquanto Chinezinho, preocupado em mostrar um individualismo que, em nenhuma hipótese, possui em abundância, perdeu-se. Luizinho caracterizou-se pela violência do arremate e o espírito de luta.

Aos 9 minutos da primeira etapa, o Flamengo inaugurava o marcador. Joel passou, Dida driblou Florindo, e, quando La Paz veio ao seu encontro, colocou no canto. Aos 15 minutos, Henrique aumentou para dois, ainda num lance urdido por Dida. Após driblar dois contrários, êle cedeu a Henrique, que chutou. La Paz pegou e largou dentro de seu arco. Aos 33 minutos, Bodinho, num bonito lance, diminuiu a diferença. Escapou, passou por Jadir e Tomires, enganou Servílio e fuzilou Ari. Com 2x1 terminou o primeiro tempo.

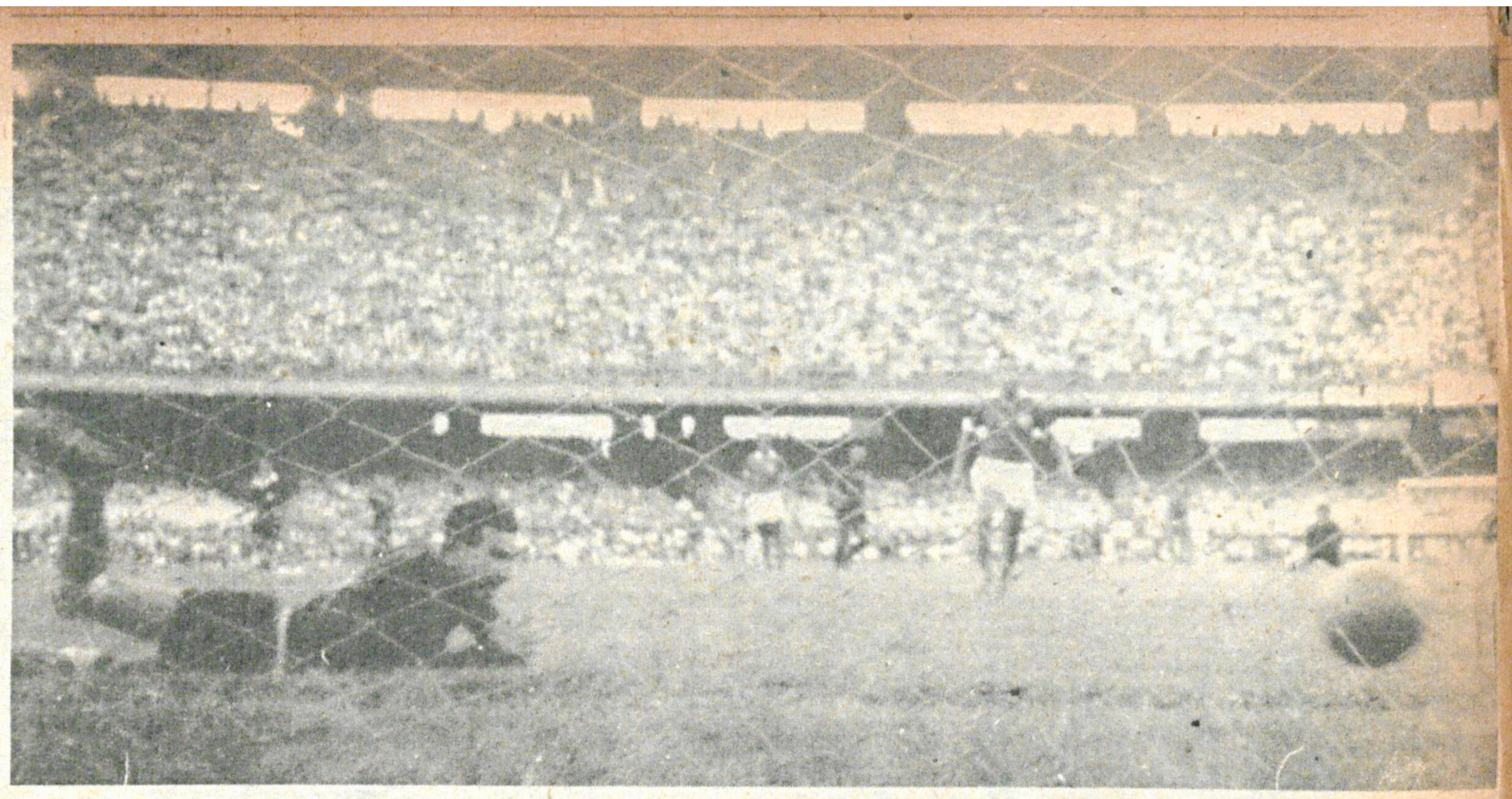
Na fase complementar, Dida, aos 22 minutos, fêz o terceiro gol do Flamengo, finalizando uma ótima bola de Benitez. Aos 26 minutos Duca completou, chutando do bico da grande área. O árbitro foi o gaúcho Aparício Viana, apenas regular, auxiliado por Gualter Gama de Castro e Frederico Lopes (regulares). Os quadros jogaram assim constituídos: — C. R. FLAMENGO: Arì (9); Tomires (8) e Servílio (9); Jadir (8), Milton (6), Luís Roberto (6) e Jordan (8); Joel (7), Rubens (5), Duca (7), Henrique (7), Benitez (7), Dida (10) Milton (7), Zagalo (8) e Babá (8). S. C. INTERNACIONAL: — La Paz (5); Florindo (8) e Ezequiel (6); Mossoró (5), Odorico (8) e Lindoberto (6); Canhotinho (6), Araguari (6), Luizinho (7), Bodinho (8), Emilson (6) e Chinezinho (5). A arrecadação foi de Cr$ 776.377,90. Não houve preliminar, mas em compensação, houve a entrega das faixas a todos os tri-campeões e campeões de aspirantes Houve o desfile das escolas de samba Portela e Estação Primeira, de Mangueira. Houve o desfile da "torcida", houve, enfim, a festa que os rubronegros esperavam.

MANCHETE
Esportiva

Em Tôdas

POSITIVA VITÓRIA DO BRASIL — 16 — Malgrado as falhas da arbitragem, a seleção brasileira de futebol venceu, ontem, a Áustria, por 3x2. ● Santiago (Chile), 16 — Cêrca de 30 mil pessoas acorreram ao Estádio Nacional para assistir à abertura do XIX Campeonato Sulamericano de Atletismo. A primeira etapa foi cheia de sensações, inclusive a disputa dos 5.000 metros, vencida pelo argentino Osvaldo Suarez, com o tempo de 14 minutos, 30 segundos e 8 déc. Mas os grandes feitos couberam aos brasileiros Paulo Cabral, que venceu os 100 metros rasos, em segundos e 6 décimos e Alcides Dambrós, que lançou o pêso a 14 metros e noventa centímetros. O segundo lugar coube ao argentino Juan Scaraffia com 14 metros e setenta e dois centímetros e, em terceiro e quarto, classificaram-se os brasileiros Nadim Marreis e Isolino Tabordo. O chileno Ramon Sandoval ganhou a prova de 1.500 metros, em 3 minuots, 48 segundos e 4 décimos, novo recorde sul-americano. A brasileira Hannelore conseguiu o quinto lugar nos 100 metros rasos para damas e a argentina Lilian Buglia, franca favorita, caiu poucos metros após a partida, ficando ferida na bôca. ● Luxemburgo, 16 — Num amistoso de futebol, a Alemanha venceu Luxemburgo, por 3x1. ● Siracusa, Sicília, 16 — O argentino Manuel Fangio ganhou o G. P. de Siracusa, pilotando uma Ferrari. Fangio fêz o percurso em 2 horas, 48 minutos e 9 décimos, numa média horária de 156,217 quilômetros. Em segundo, colocou-se o italiano Luiai Nusso, também com Ferrari, e em terceiro o inglês Peter Collins, com um carro da mesma marca. ● Ancara, 16 — O Vasco venceu o Besikas, por 3x1. ● Boston, 16 — O pêso-leve Larry Boardman superou, ontem, o campeão mundial Sandy Saddler, por decisão, ao cabo de 10 assaltos. ● Buenos Aires, 16 — Na primeira rodada do Campeonato Argentino de Futebol, os resultados foram êstes: River 1, Independiente 0; Boca Juniors 4, Velez 1; Racing 2, Tigre 0; San Lorenzo 1, Argentinos 0; Ferro Carril Oeste 1, Huracan 1; Estudiantes 1, Newells 0 e Rosario 2, Ginásia 2. ● Lima, 16 — O Fluminense derrotou esmagadoramente o Universitário pela contagem de 6x1. ● Lisboa, 16 — Reiniciado, após a suspensão de duas rodadas, o Campeonato Português de Futebol prosseguiu, ontem, sem alterações nas classificações principais. O Pôrto continua como líder, com 41 pontos e o Benfica em segundo, com 39. Faltam apenas duas rodadas para o encerramento do campeonato português.

O atacante Dwight, do Fulham, vence Natero, arqueiro do Botafogo, na estréia do "Glorioso" em Londres. Final: 2 a 2.



DIDA ABRIU A CONTAGEM DO MATCH FLAMENGO X INTERNACIONAL. EIS O LANCE.

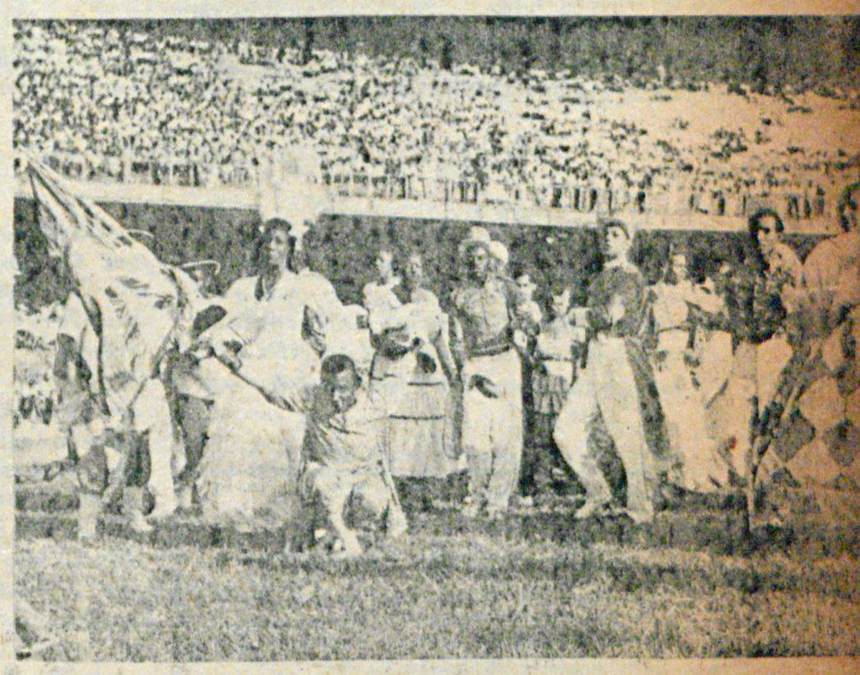
O TERCEIRO GOL FOI, AINDA, DE AUTORIA DO ENDIABRADO ATACANTE. GRANDE TENTO.

NO QUARTO GOL, DUCA CHUTOU DO BICO DA AREA. EM BAIXO, O GOL DE HONRA: BODINHO.

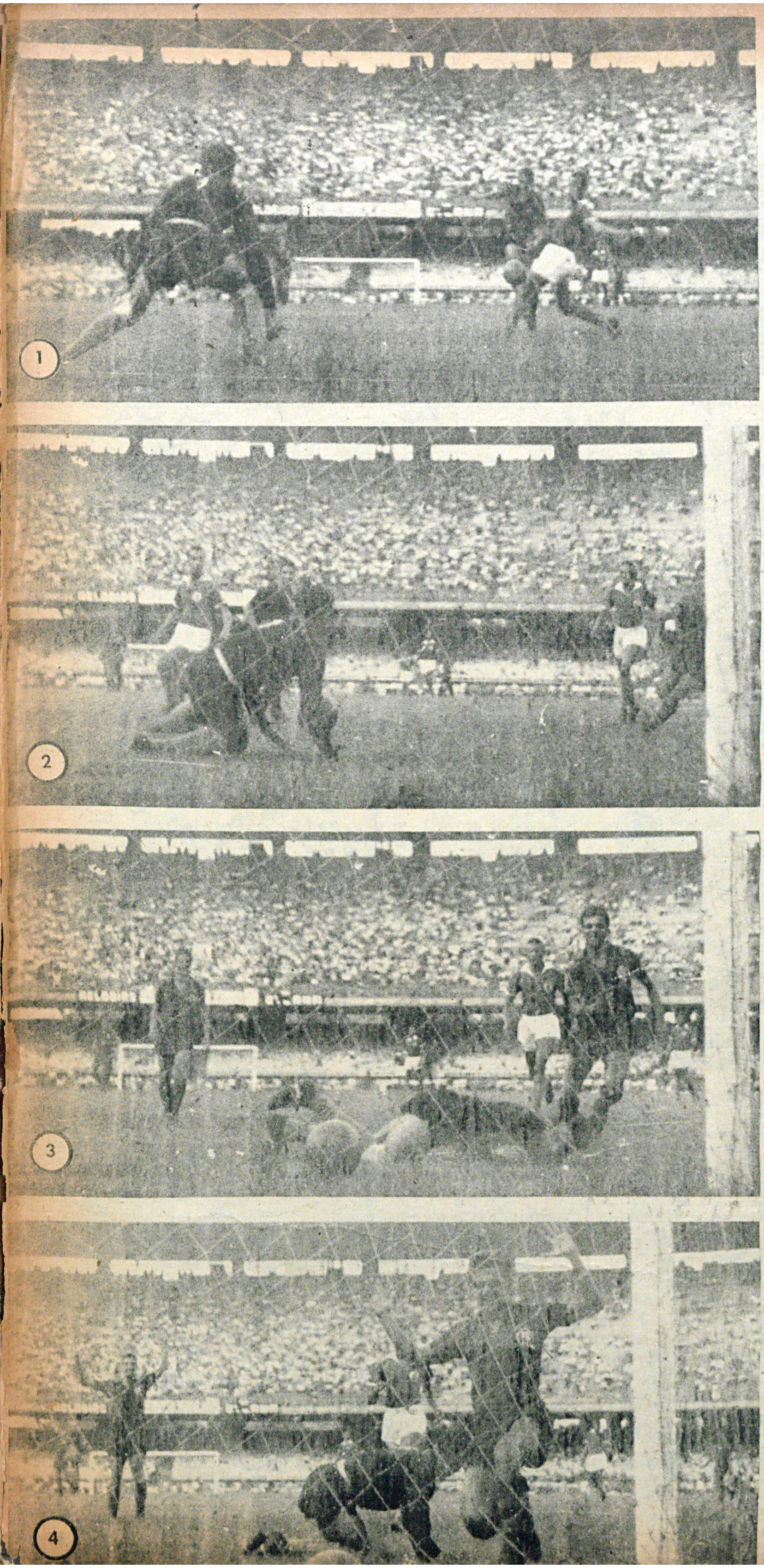
MANGUEIRA E PORTELA NO CARNAVAL DO TRI

A charanga de Jaime de Carvalho, com agitados "brôtos", também desfilou pelo gramado, em evoluções.

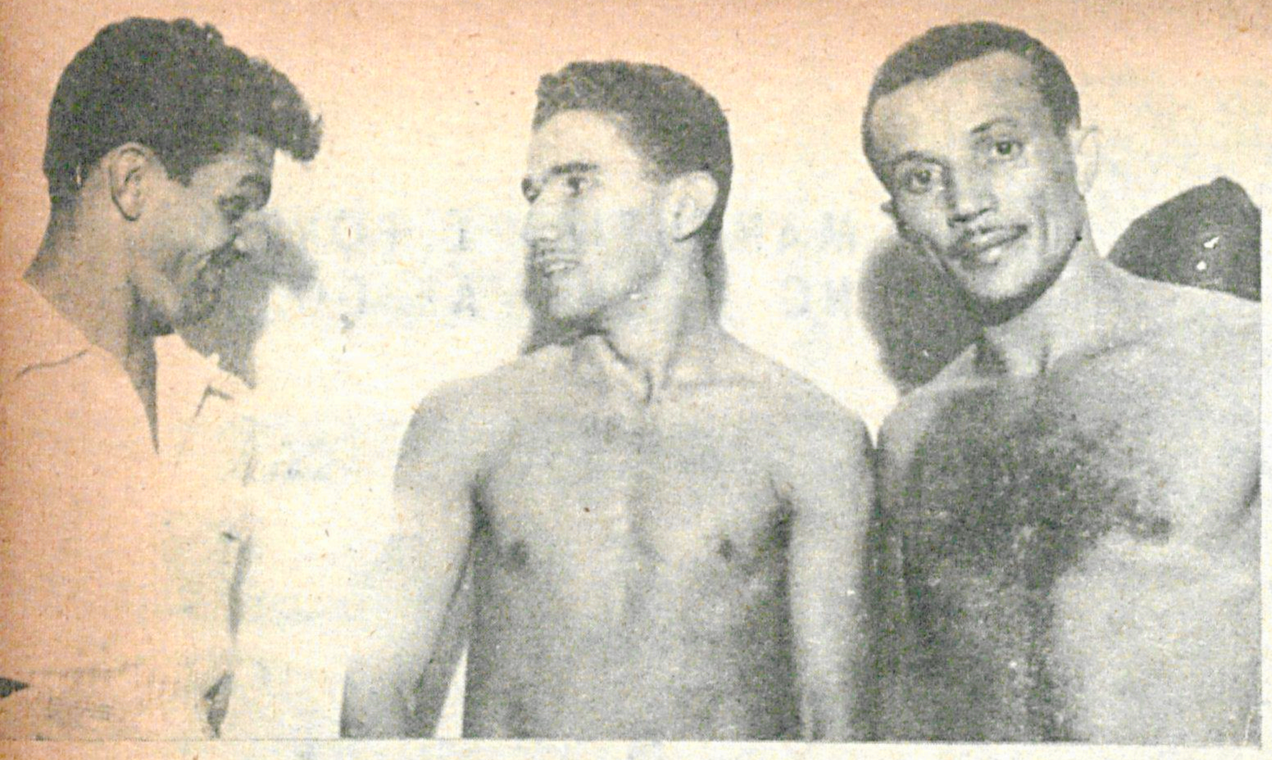
E não poderia faltar, na festa do tri, o Padre Góes, que saiu do campo fazendo o sinal do tetra...



Todo o ritmo do samba foi ontem mostrado no Maracanã pelas Escolas do Portela e de Mangueira.



DIDA, que voltou a ser o grande homem do Flamengo, marcou dois tentos e colaborou decisivamente para os restantes. Nesta seqüência vemos o lance que culminou no tento assinalado por Duca: após uma boa combinação com Dida. O meia-direita chutou firme. La Paz segurou e largou no fundo da rêde. Frango legítimo. E Duca, eufórico, foi buscar a bola.



Ari: "bom quadro; falta penetração"

Uma vitória por 4x1 sôbre uma equipe da categoria do Internacional é claro que dá motivo para júbilo. Entretanto, no reservado rubro-negro, não havia nenhuma euforia, todos encarando o prélio como um amistoso sem maiores conseqüências. As referências ainda eram das comemorações do "tri", com Solich exibindo orgulhosamente um jôgo de caneta-lapiseira que ganhara de um torcedor. Aliás, o treinador guarani deverá embarcar hoje para Buenos Aires, onde aguardará a passagem do Flamengo para Lima (viagem marcada para quinta-feira. Os rubro-negros cancelaram sua temporada em Montevidéu e farão três jogos em Lima (21, 25 e 29) e dois em Santiago do Chile (1 e 6 de maio). A estréia está prevista contra o Alianza. O único jogador contundido era Dida, que sofreu uma cãimbra na perna esquerda. Benitez mostrava-se contente pelo reaparecimento e admitiu que, com mais alguns jogos, voltará à sua melhor forma. Ari gostou do jôgo, mas observou a falta de penetração dos avantes contrários, se bem que elogiasse o trabalho do Internacional, de uma forma geral. Bonita vitória, numa bela festa. O Flamengo portou-se à altura.

"Houve impedimento no quarto gol"

Entre os "Colorados" não havia alegria. Afinal, 4x1, com inúmeros "ases" panamericanos... De qualquer maneira, todos estavam conformados. Tetê, aborrecido, teve um ligeiro atrito com um grupo de fotógrafos, logo dirimido com os devidos esclarecimentos das partes. Os demais, sossegados. La Paz reclama do quarto gol: "Dois jogadores do Flamengo estavam impedidos, bem ao lado do poste esquerdo de minha baliza. Admira muito que o sr. Aparício Viana tenha confirmado aquêle gol". Sôbre o tento marcado por Henrique, disse: "Foi azar. Puro azar. A bola já estava comigo, dominada. Depois escapuliu e ganhou o fundo da rêde. Não sei como explicar". Bodinho, o artilheiro, gostou muito do Flamengo: "Time rápido, objetivo, a turma não bobeia. Escreveu não leu, bola no barbante. Quanto a nós, jogamos mal. Poderíamos ter feito melhor figura". Florindo assinalou: "Acho que falhamos na retaguarda. E não me excluo, porquanto creio não ter atuado dentro do que sei, confesso. O Flamengo mereceu a vitória. E' uma grande equipe." Chinezinho falou de Tomires: "E' duro, às vêzes entra pra valer e chega a machucar. Sinto, sòmente, que não tenhamos jogado com a nossa fôrça máxima."

MOVIMENTO TÉCNICO

FLAMENGO: Ataques, 50; defesas, 22; impedimentos, 8; escanteios, 7; faltas, 17; toques, 1; gols, 4.

INTERNACIONAL: Ataques, 41; defesas, 32; impedimentos, 3; escanteios, 3; faltas, 10; gols, 1.

MARCHA DO PLACARD: 1.º tempo, Flamengo 2x1 (Dida aos 9', Henrique aos 15' e Bodinho aos 33'). FINAL — Flamengo, 4x1 (Dia aos 22' e Duca aos 26').

ARBITRAGEM: Aparício Viana da Silva (gaúcho), coadjuvado por Frederico Lopes e Gualter Gama de Castro.

RENDA: Cr$ 776.377,90.

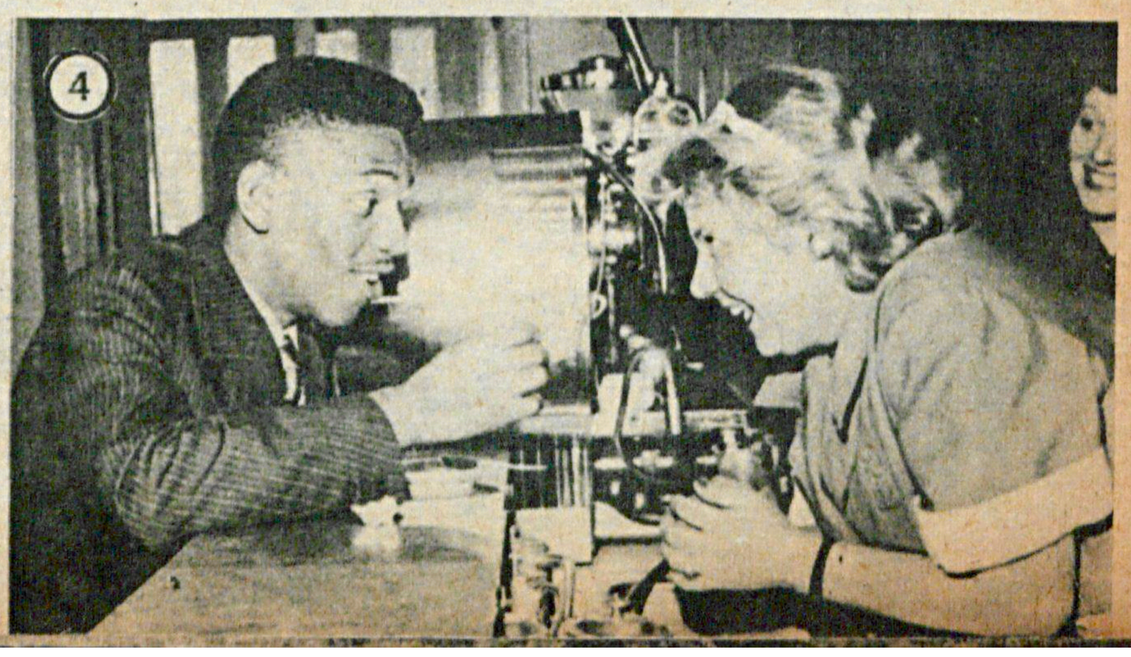
A temporada do Vasco em gramados do Velho Mundo

1 — Em sua passagem pelos gramados turcos, o Vasco venceu ao Beksitas por 2x0. Aquêle é um bom esquadrão.

2 — Pinga controla o balão e prepara-se para o chute final. Êste flagrante é do Vasco em Viena, capital da Áustria.

3 — Vasco da Gama x Fernebache. Aqui o Vasco perdeu por 2x0. Foi outra apresentação em campos europeus.

4 — Fora das canchas, os brasileiros têm feito sucesso na Europa. Eis, na foto, Laerte num "papo-amigo".



PARTIU O FLAMENGO PARA O TETRA

Solich fala de um tricampeonato — O mesmo plantel — Os adversários mais difíceis — Por que Servílio-Dida — Ninguém é melhor do que ninguém — Um risco necessário — A hora da escalação — Mas o Mengo já partiu para o tetra.

DE RONALDO BOSCOLI

FLEITAS SOLICH, todos sabem, é um homem de palavras medidas. Talvez por serem sensatas.

Indagado a fazer a retrospectiva de sua grande façanha foi quase monossilábico. Preferiu glorificar o plantel que há três invictos anos dirige. Depois explicou: O primeiro campeonato foi relativamente fácil, não faziam fé no Flamengo, o segundo mostrou-nos dificuldades, o terceiro nem é preciso dizer. Um time "visado" tem seu trabalho sempre mais dificultado, todos, indistintamente pretendem derrubá-lo. Calcule como será o caminho para o tetra... mas nem por isso deixaremos de trabalhar por êle.

— Renovações no plantel?

— Por enquanto não pensamos nisso. Posso trabalhar com o material que disponho. Trataremos de descansar (na medida do possível) os atletas mais sacrificados. São todos jovens, precisam apenas de recuperação.

Fadel fêz côro. Acrescentou. O caminho para o tetra já foi iniciado na conclusão do tri. A receita será a mesma e vou lhe dizer qual é:

— O perfeito entrosamento entre os homens de campo e os dirigentes. Todos trabalhando iguais e sem vaidades. Os homens continuarão, o rumo agora é mais distante: vamos sair para a quarta.

Falando dos adversários mais difíceis (da derradeira jornada) Solich esclareceu: "Como já disse, todos entram com "sêde" contra o Flamengo. Pelas circunstâncias o América foi quem nos deu mais trabalho. Antes da final não se poderia dizer nada:

Sôbre os acontecimentos da noite tri-campeã: "Notei que a recuperação de Jadir não se processou normalmente. Seria uma batalha com grandes possibilidades de prorrogação. Precisava de um homem com tôda sua condição física, inclusive para "cobrir Leônidas por cima". Servílio era o indicado. Entre outras coisas o substituto de Jadir é bastante calmo, excelente para ser lançado num jôgo decisivo. Quanto a Paulinho não era novidade. Vinha jogando sem tôda sua mobilidade. E Dida estava em ponto de bala.

— Houve instruções especiais para êsses elementos?

— Não. Apenas expliquei-lhes as respectivas missões e mandei-os agir livremente, nem conviria lançar elementos com muitas recomendações.

O que se deve observar é que substituições nem sempre querem dizer superioridade. Se em determinado jôgo determinado elemento (dadas as suas características) traz mais benefício para o conjunto, por que não escalá-lo? Meus atletas são homens conscientes, quando se aproximava a hora do jôgo fiz ver apenas da responsabilidade de cada um. "O Flamengo confia em vocês e entrega em suas mãos a sorte da peleja. Lutem bravamente".

Quanto ao risco da escalação de Servílio-Dida o técnico foi franco:

— Arrisquei, mas era preciso arriscar. A tática a que me propus realizar pedia homens com tôda sua condição atlética. Servílio para cobrir "por cima" e Dida para imprimir mais velocidade à linha. Ambos foram perfeitos.

— A que horas foi feita a escalação?

— Três e meia. Depois de fazê-la fiz ver a todos que acima de quaisquer paixões estava o interêsse do Flamengo. Estava o Flamengo.

Assim leitores, podemos informar que desde o minuto em que o clube da Gávea atingiu o tri, partiu para o tetra. Solich sabe das dificuldades. Mas sabe também como contorná-las...

O GRISALHO E INVICTO SOLICH — Custou muito tempo. Valeu muita luta. A cabeça trabalhou. Mas veio o abraco. Terceiro em três anos de Flamengo. Aí está o símbolo do tricampeonato: união. Vamos para o tetra.

OTO (80 MIL CRUZEIROS MENSAIS) GLORIA

ABRASILEIRADO O FUTEBOL PORTUGUÊS

O jôgo duro que foi cantado: Portugal x Brasil — Veio do América (Rio) um "S. O. S." (tarde)... — Subiu 90 % a cotação do jogador português —

LISBOA, abril (De Jader Neves, especial para MANCHETE ESPORTIVA) — Diante de mim, muito bem disposto, Oto Glória. Faço a pergunta:

— Tão português como o Camões?

Ouço uma gargalhada. De Oto, òbviamente:

— Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Continuo encantado com Portugal, mas não a ponto de negar minha origem, minha raça.

Insisto, então:

— Em todo caso, Oto, pelo tratamento que recebe no Benfica, e por tôdas as vantagens, sua volta ao Brasil, não está em cogitações, exato?

— Pois aí é que está: terminado meu contrato, em 1957, talvez não o renove. Por mim, renovaria sem pensar duas vêzes. Entretanto, minha filha se consome de saudades do Brasil.

— Acha que já deu o que podia dar ao Benfica?

— Acho que já fiz alguma coisa. Cito um exemplo: com as reformas que introduzi no Benfica, seu quadro social passou de 14 mil para 36 mil sócios, nem mais nem menos.

— E isso, trocado em miúdos, para você, particularmente, rendeu muito?

— Atualmente, entre "luvas" e ordenado estou recebendo 80 mil cruzeiros mensais.

— Pode enumerar as suas inovações no Benfica?

— Perfeitamente. Um Departamento Médico especializado, regime de concentração, regime alimentar, além de um fundo beneficiente que possibilitou jogadores como Arsênio, Vieira e Fernandes deixarem o futebol com um razoável pecúlio.

— Continua estudando matérias de futebol?

— Sempre. Fiz diversos cursos: na França, Hungria e Inglaterra, além de um curso de administração esportiva na Espanha.

— Do Brasil, nem um sinal de vida?

— Oto faz, então, a seguinte revelação:

— Até que sim. Tive uma proposta do América.

— Volta, nesse caso?

— Não.

— Talvez algum ressentimento... — objetamos.

Oto Glória protesta:

— Não. Apenas não desejo voltar (e não posso, mesmo) já ao Brasil. Depois, cá entre nós, como receber, no Brasil, o que estou recebendo em Portugal? E' preciso considerar a questão também sob tal aspecto. Aliás, para depois de 1957, já tenho boas propostas de Portugal e da Itália. Até lá, é prosseguir meu trabalho no Benfica, é dar ao Benfica o que êle merece, como um clube que, no devido momento, realizou um esfôrço enorme para revolucionar, de fato, o futebol português, sob o ponto de vista administrativo, tático e técnico.

ABRASILEIRADO O FUTEBOL PORTUGUÊS

Surpreendido com a resistência do scratch português diante do scratch brasileiro, Oto?

— De maneira alguma. A propósito: arrisquei, antes do match, uma profecia: correrá perigo o scratch do Brasil, adverti. Dito e feito.

Oto Glória, senhora e filha. Por causa da filha, com saudades do Brasil, talvez o "coach" retorne em fins de 1957. Ei-lo, na cozinha, abrasileirada. A pátria (distante) nas preparações culinárias . . .

O TROFÉU DE OTO GLÓRIA. Talvez seja do campeonato conquistado pelo Benfica, talvez seja da Taça Portugal, é um troféu e isso, bolas, basta, pois o objetivo era um só : vencer, vencer na raça e na técnica, mas vencer e venceu.

Um dos poucos fracos de Oto Glória. Ou melhor dito, seu único "hooby" : pássaros. Talvez seja um canário, talvez seja um cardeal. É um pássaro, que canta alegremente e isso basta ao técnico.

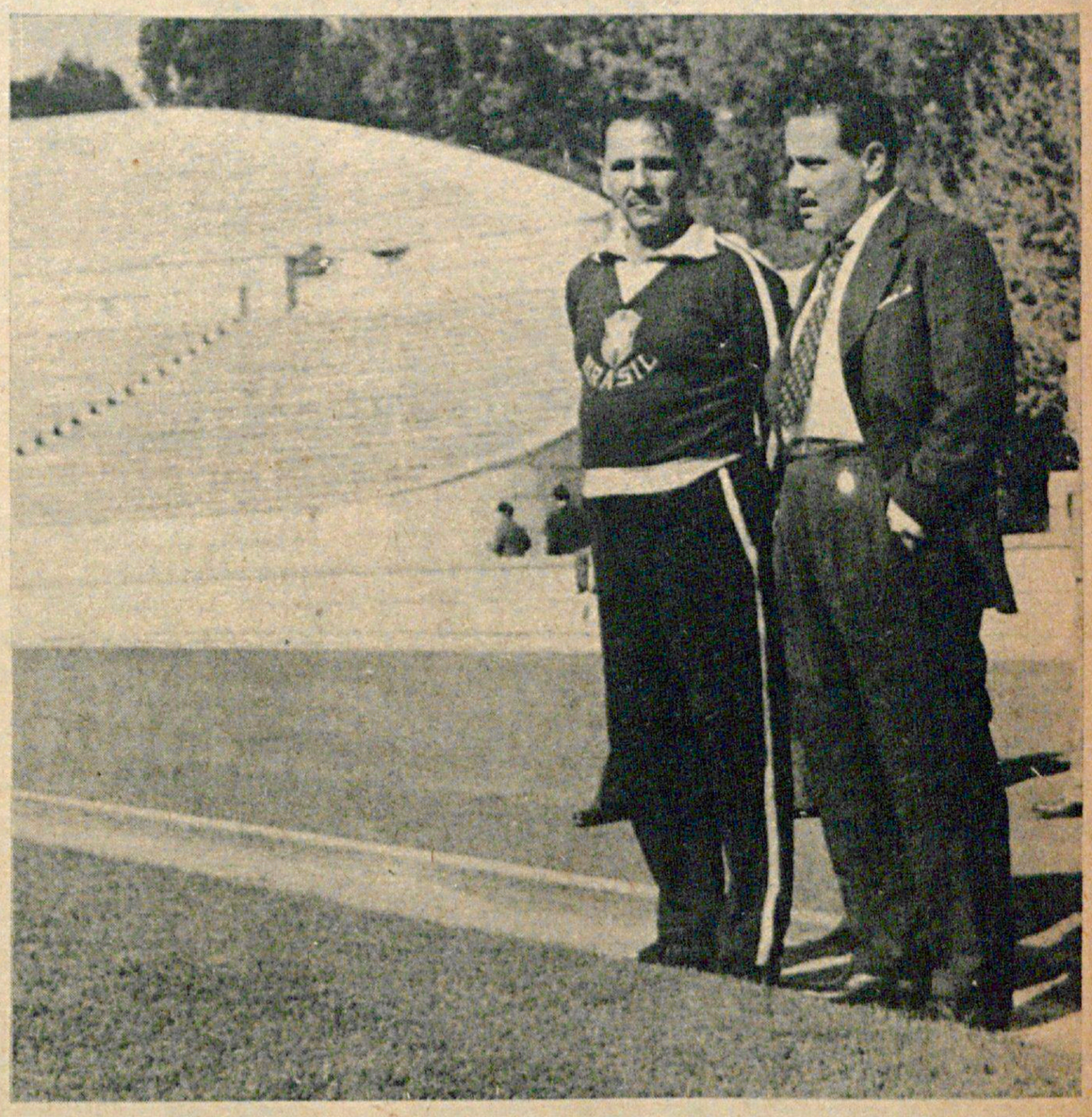
Agora, confesso : acreditava até em vitória do selecionado português. E isso porque, o futebol português do passado, sem método, pobre de recursos, deu lugar a um futebol prático, rápido, bem abrasileirado. Ora — num match, digamos assim, de compadres, tudo pode acontecer.

— Subiu muito a cotação do jogador de futebol português ?

— Sem dúvida, 90%, não menos. Está em franca ascensão. Nestes dois últimos anos, como que despertou o futebol português. E, de temporada para temporada, mais se acentuam seus méritos. Explico : quando cheguei a Lisboa, verifiquei que o jogador português não treinava sistemàticamente. Era, de certo modo, facultativo o treinamento para os jogadores. E nada de concentração, e nada de contrôle médico, e nada de dar duro, em suma. Era, portanto, o futebol português, um futebol falho, de resistência duvidosa, pois os times não se preparavam devidamente para correr e lutar durante 90 minutos.

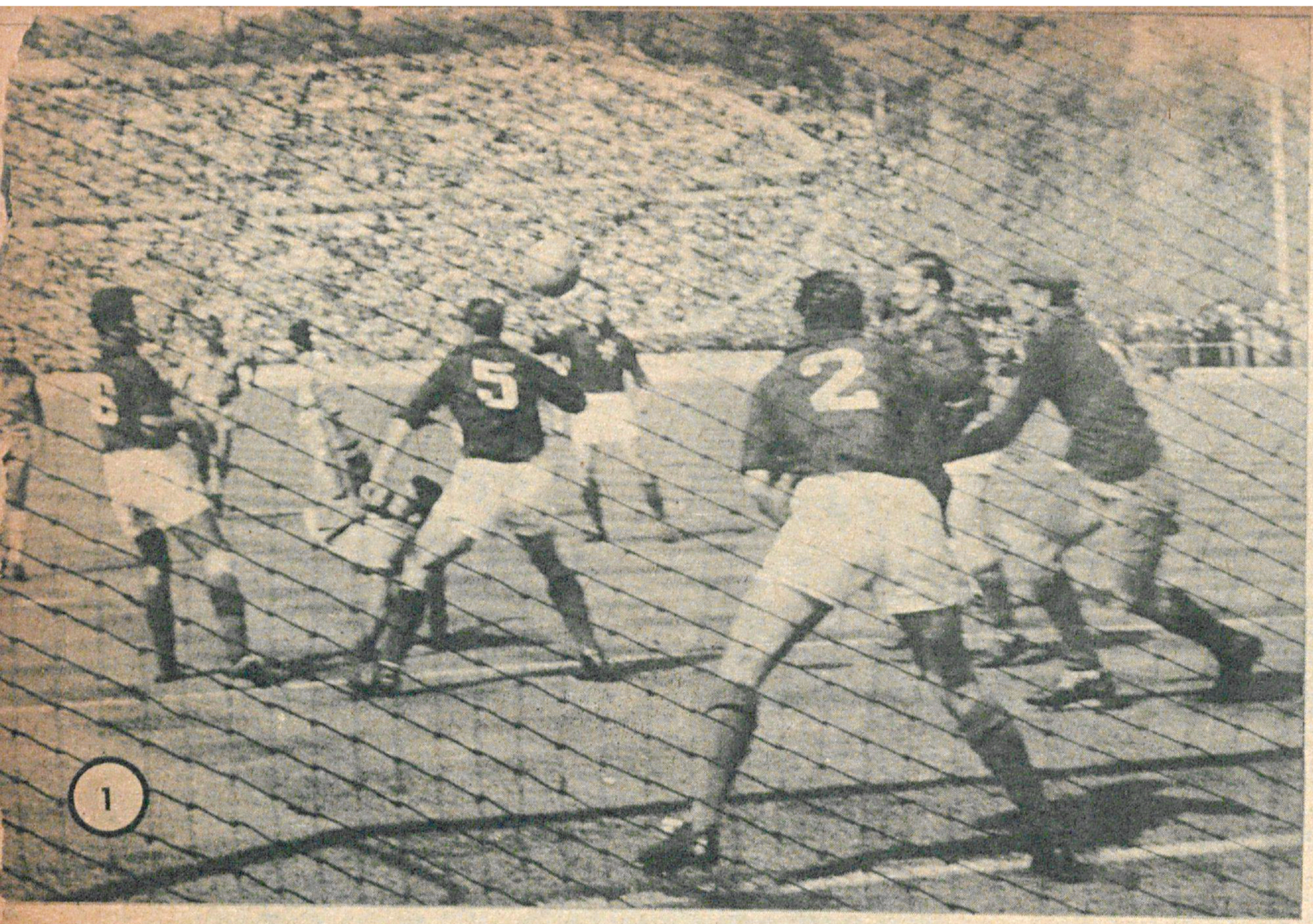
— Bom, de fato, o nível disciplinar do futebol português ?

— Notável. Aliás, no Rio, por ocasião da temporada do Benfica, chamou a atenção geral o fato dos jogadores portuguêses esperarem de pé, no refeitório, que partisse de mim a ordem para se sentarem. Pois tal respeito, é idêntico dentro do campo. Uma ordem é lei, é respeitada como lei e pronto. Por tudo isso, progrediu vertiginosamente o futebol português e não demora muito, espero, poderá ser equiparado ao bom futebol europeu.



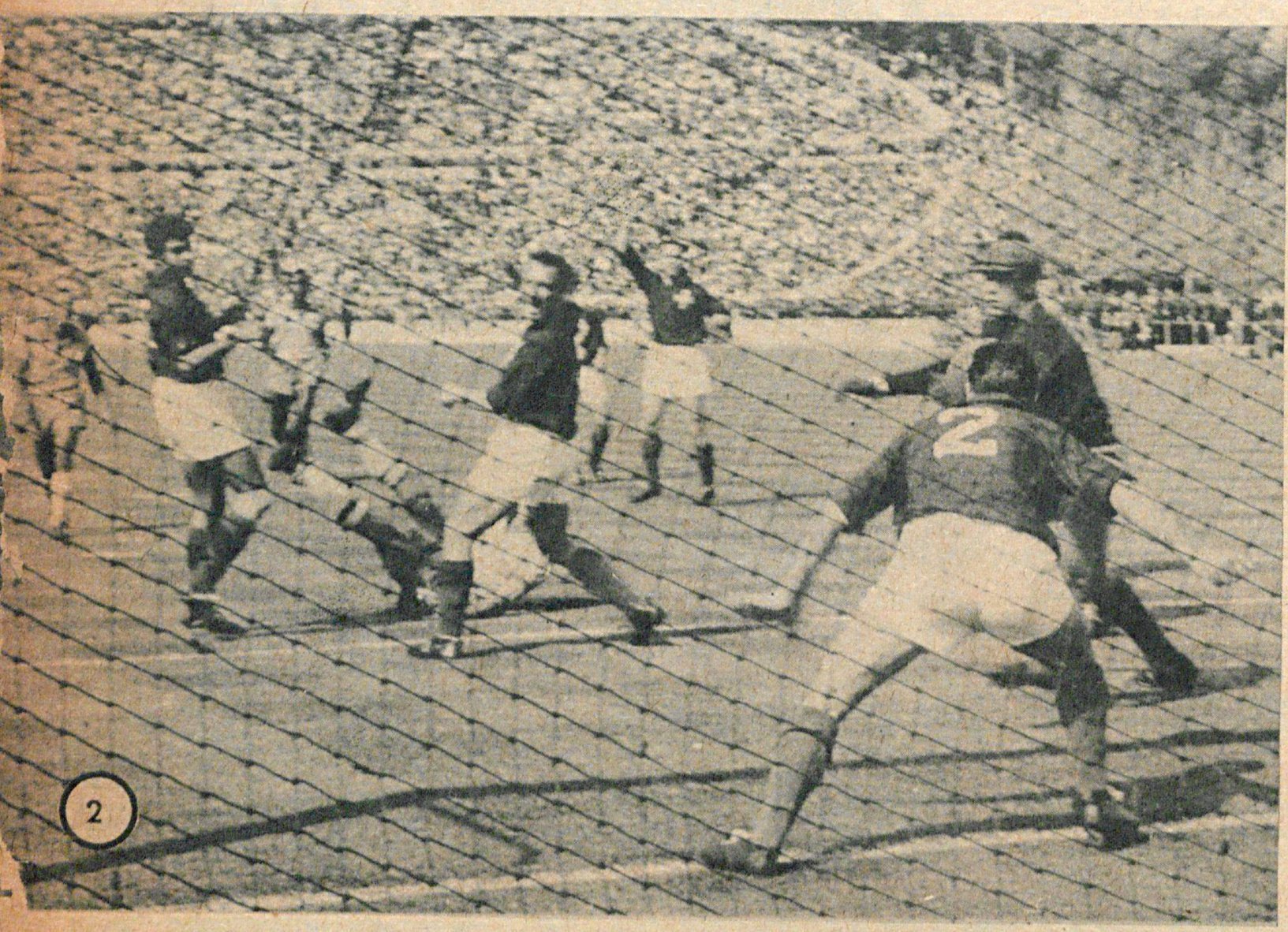
OTO GLÓRIA COM FLÁVIO COSTA. O ex-técnico do América teve no antigo técnico do Vasco seu professor. Depois, cada qual seguiu o seu destino. Oto Glória progrediu muito, haja vista a campanha do Benfica. Que foi sensacionalíssima

O futebol português não tinha preparo, não tinha método. Em verdade, não aguentava bem 90 minutos. Oto passou a treinar o Benfica. Correr em volta do estádio, saltar barreiras, corda, corrida e outros exercícios diàriamente. Hoje é o que se vê.



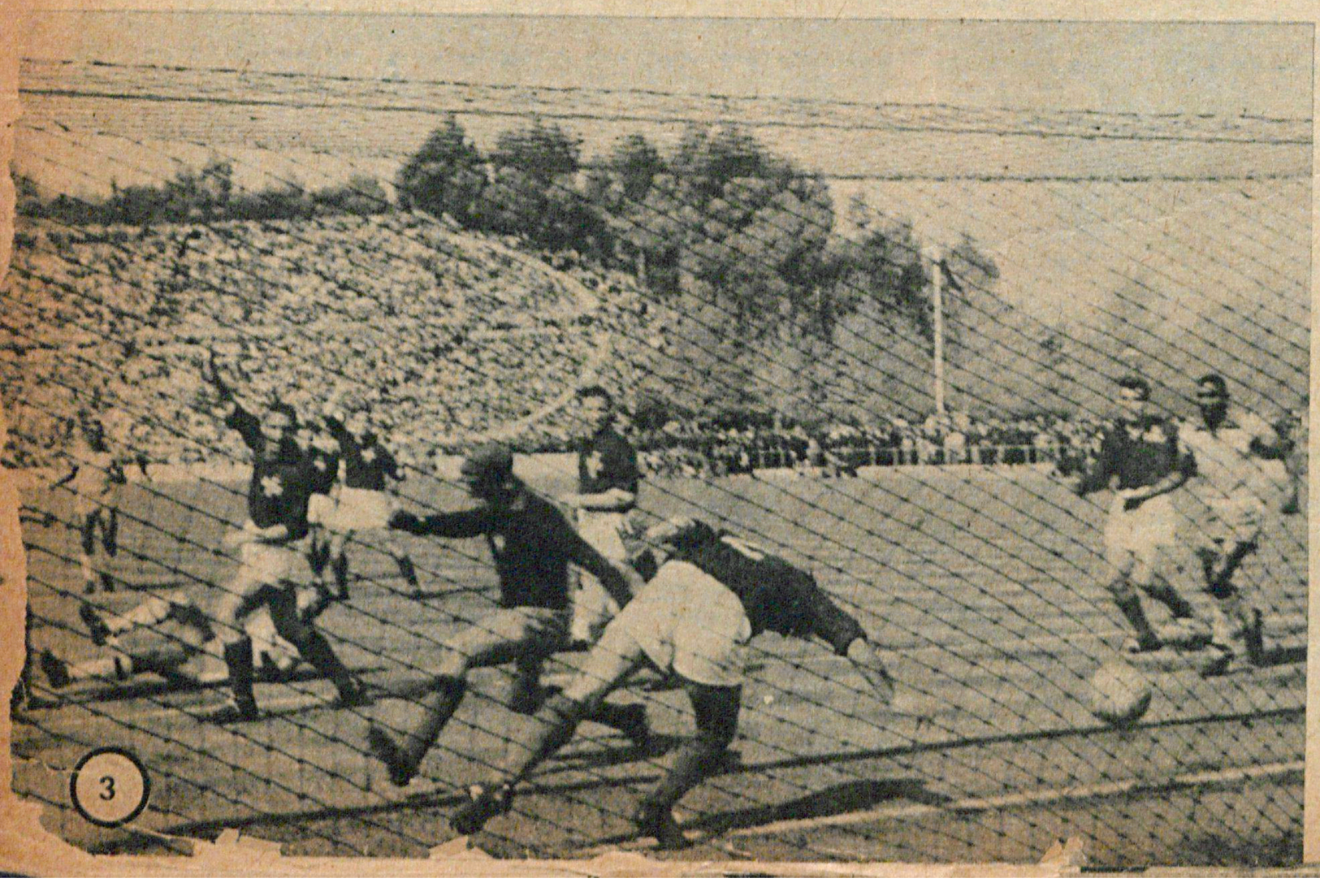
1

4



2

5



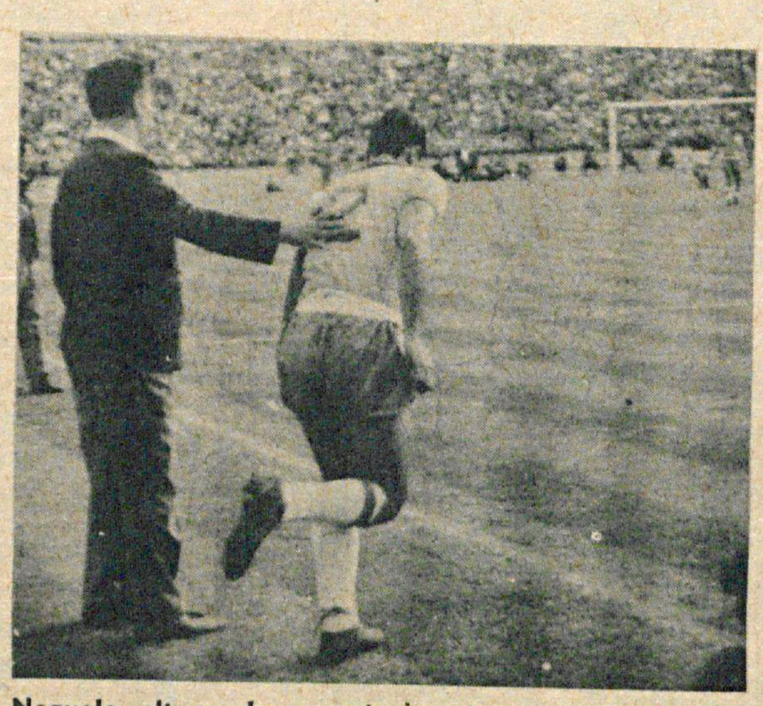
3

6

CARLOS GOMES CAIU DA BICICLETA: 1 X 0

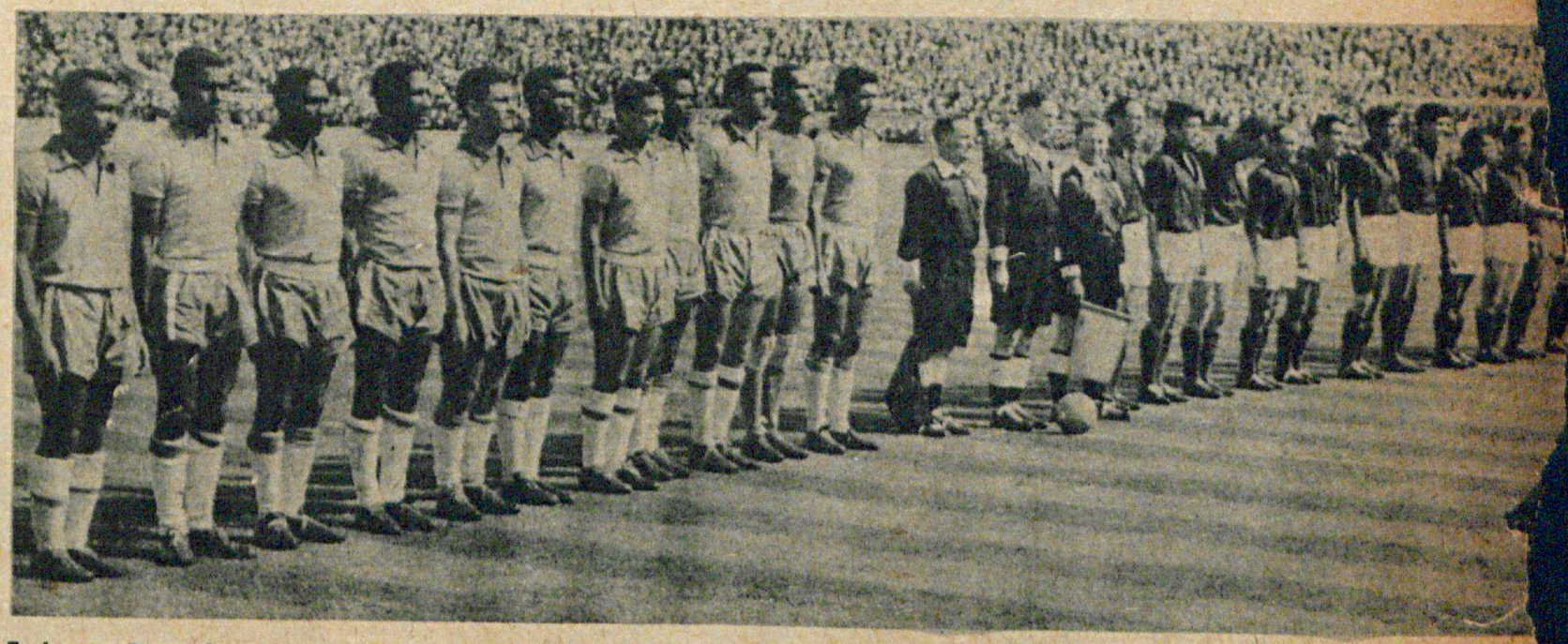
Já quase ao final do encontro, o zagueiro De Sordi, que vinha se constituindo numa verdadeira muralha ao ataque português, contundiu-se, sendo obrigado a deixar o campo, amparado pelos massagistas do Brasil.

A contusão sofrida pelo eficiente zagueiro paulista, no rosto, foi de uma certa gravidade, tanto que obrigou a sua substituição. De Sordi sangrou bastante, pois que o ferimento foi profundo (foto de JADER NEVES).



Naquela altura dos acontecimentos, os portuguêses tentavam a todo custo o gol de empate e a saida de De Sordi poderia ser fatal. Mas a entrada de Pavão não alterou o ritmo de trabalho da defesa, sempre firme.

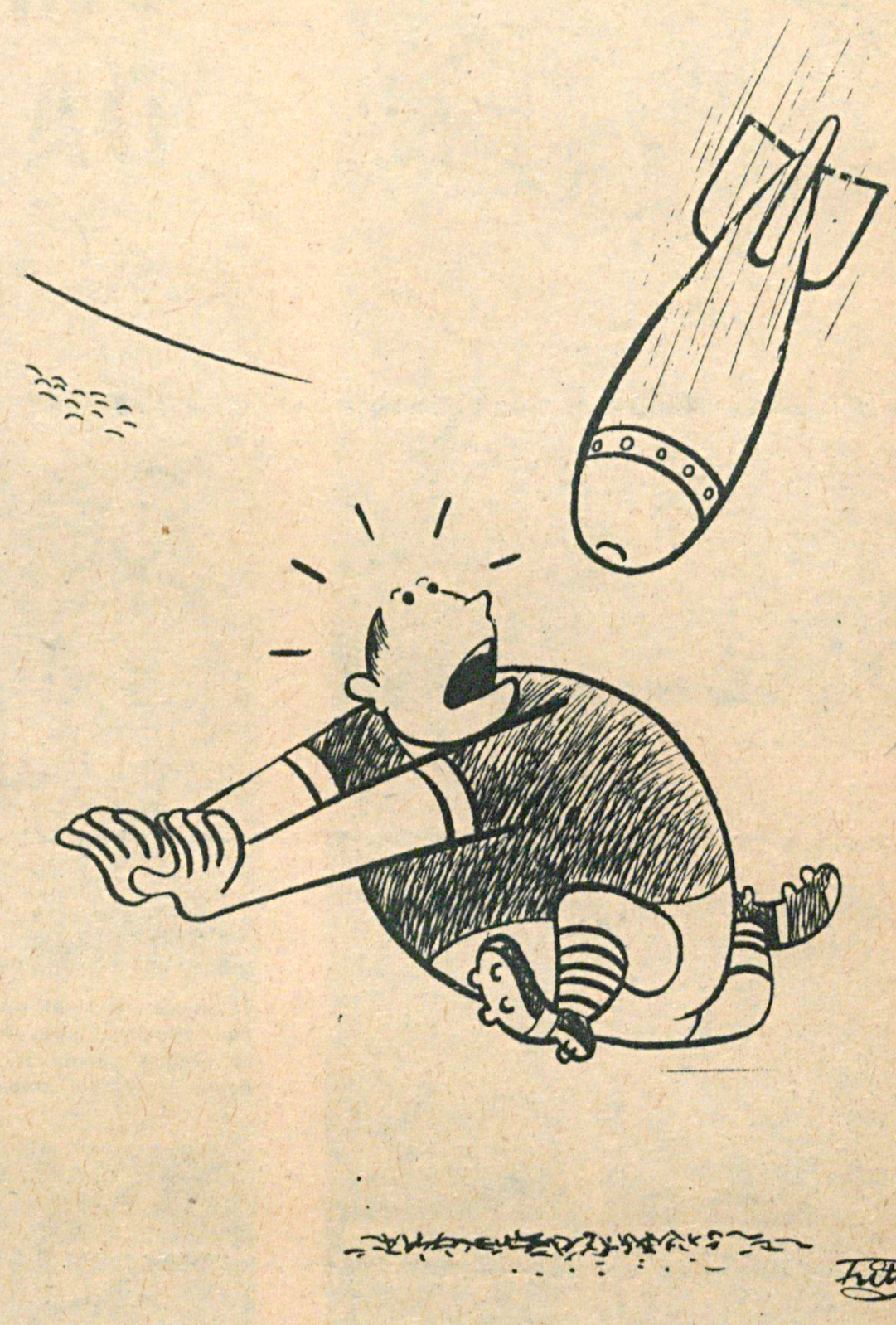
Antes do incio do encontro, com uma excelente assistência, lotando as dependências do Estádio do Vale do Jamor, os dois "capitães" trocaram flâmulas, no centro da cancha, sob as vistas do apitador, Mr. Leaf.

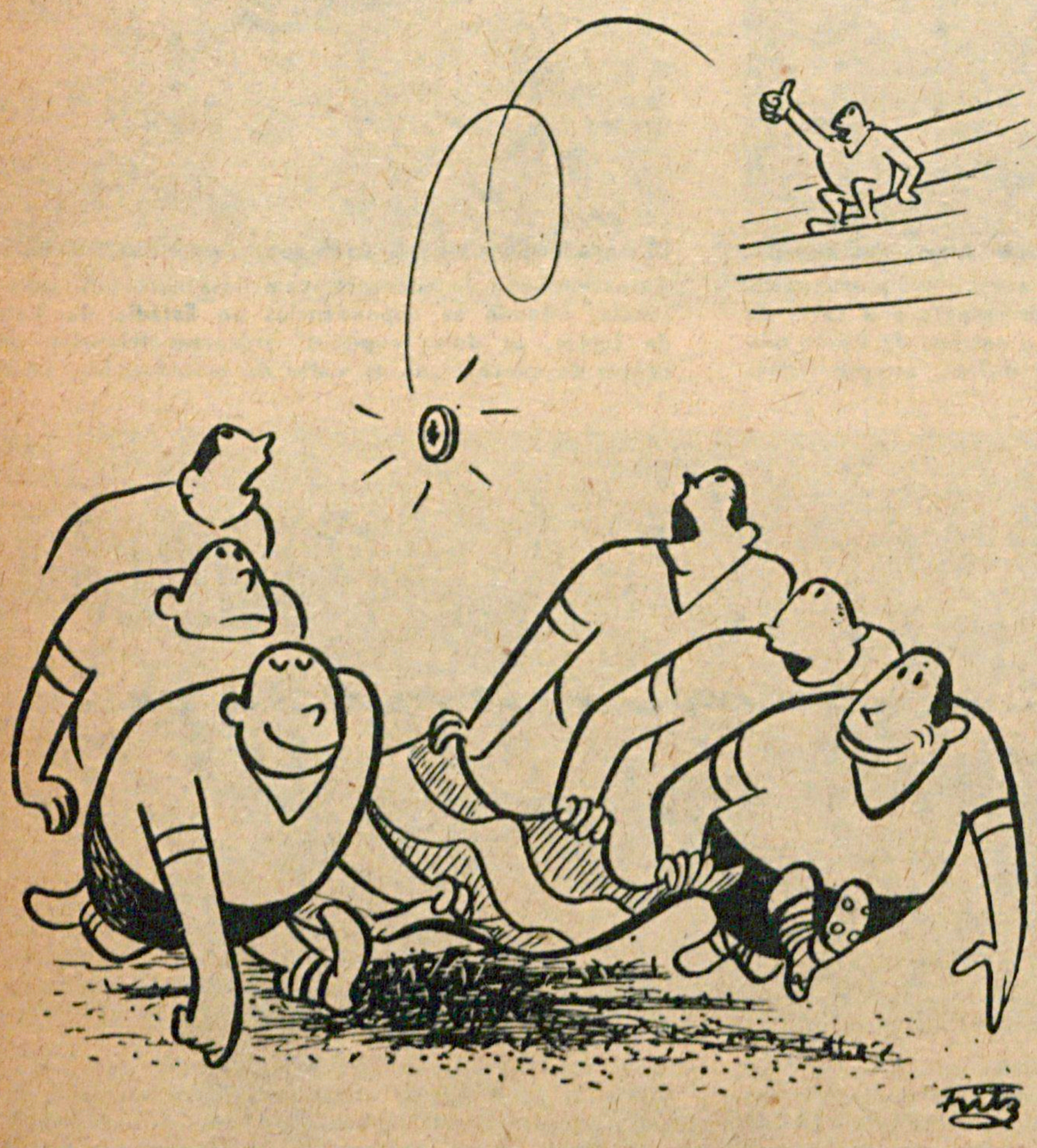


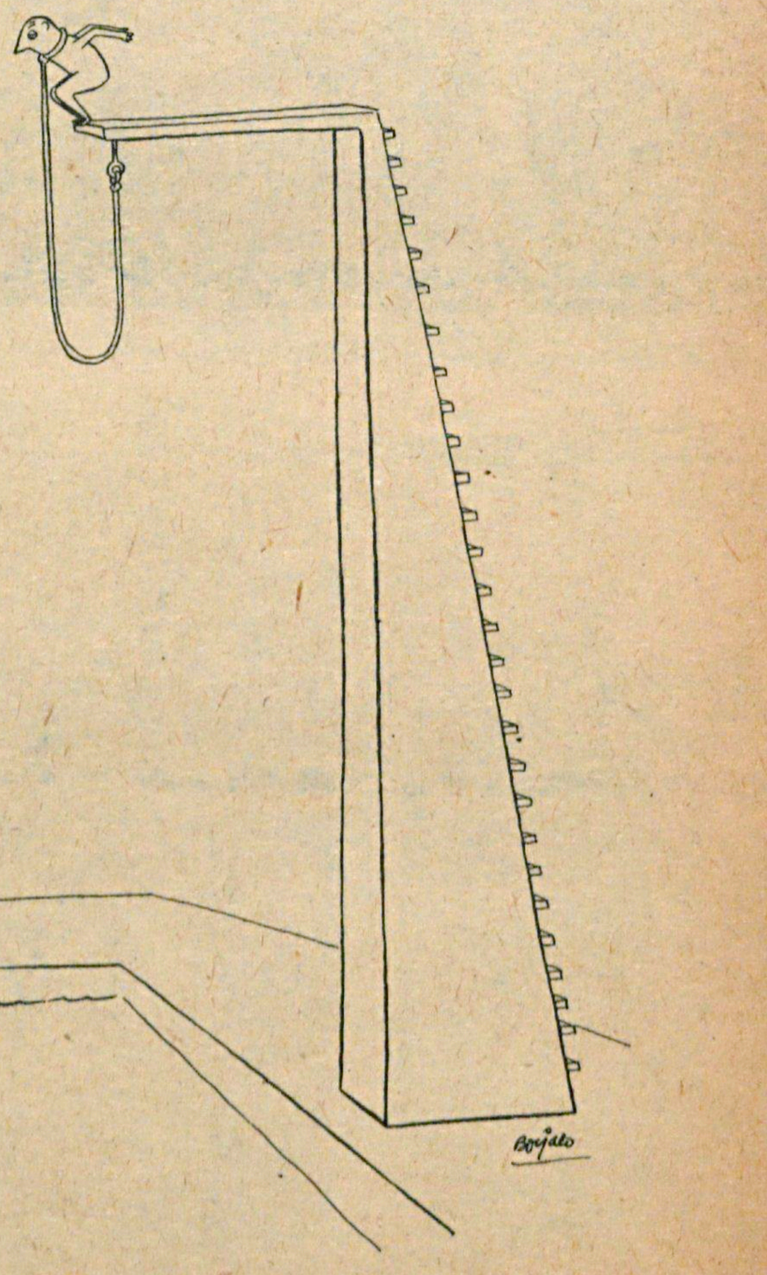
Com as duas equipes formadas, ouviu-se, no Estádio Nacional de Lisboa, o entoar dos hinos nacionais das duas pátrias. Depois, na cancha, ferir-se-ia o embate, que acusou o triunfo meritório do Brasil, por 1 a 0.

Embora não tenha sido uma grande exibição, o fato é que o Brasil venceu, graças a uma bicicleta espetacular de Gino, como fixou a objetiva do nosso fotógrafo JADER NEVES. Foram infrutíferos os esforços dos defensores.

ESPORTE QUE RI







MANCHETE ESPORTIVA APRESENTA

BOCAGE

COM FERREIRA NO PAPEL PRINCIPAL

PRODUÇÃO: ARNALDO NISKIER

DIRETOR DE CENA: ÂNGELO GOMES

Todos Dizem Palavrão e só eu sou BOCAGE?

Não que eu não goste do jôgo duro. E até rio quando levo uma botinada. Mas, que tem volta, lá isso é que tem. Acham que eu vou apanhar e ficar calado?

"SOU católico, apostólico, romano e vou à missa sempre que posso. São Jorge é meu santo de devoção. Antes do jôgo, no próprio jôgo, sempre rezo, pedindo que não me aconteça nada de ruim, nem aos meus adversários". São palavras do comentado Antenor Ferreira de Carvalho Filho, o Ferreira do América, que, nascido na cidade fluminense de Três Rios, hoje está com 22 anos. E o ponteiro rubro, considerado o maior provocador do futebol carioca, um autêntico Bocage de televisão, com uma verborragia digna de qualquer salão... de sinuca, faz a sua defesa: já era visado desde os tempos em que atuava no Colônia, de Três Rios. "Eu jogava bem, era sempre o artilheiro e fazia inveja aos marmanjos, que me soltavam a lenha. Nunca provoquei confusões, mas, quando havia um pênalte a meu favor, pegava a bola e ia entregar ao juiz; os adversários interpretavam o gesto como deboche, queriam me tirar a bola no peito, eu não deixava; vinha, então, o meu irmão Memé (um Obduliozinho), encaçapava uns e outros, rolando pelo chão. Depois, todos voltavam a ser amigos". Em 51, Ferreira foi convidado a vir para o América, pelas mãos do atual presidente Giulite Coutinho. Jogou nos juvenis dois anos e em 52 foi campeão brasileiro, pela seleção carioca. Subiu para o 1.º time em 52, no tempo de Oto Glória, a fim de substituir Jorginho. E nunca mais perdeu a posição. Sua maior satisfação foi o vice-campeonato de 54. Mas, afinal de contas, o ponteiro canhoto do América é ou não um moderno Bocage, aquêle das palavras de baixão calão? Ferreira não se abala quando explica: "Reclamam de mim, dizendo que eu provoco. Isso é mentira! Brincar, dizer uns "picilones" ao marcador, isso é do jôgo. Mas, quando êles dizem: — sai, pau-de-arara, que eu vou te comer vivo; sai que eu vou te quebrar... Aí, de quem é a culpa? A única coisa que respondo é em têrmos parecidos. Não dou bola para isso. "Quebra que eu tô aí para quebrar também". Se é recurso, se êles pintam os canecos, a gente não pode ficar atrás. Quem gosta de trouxa é lavadeira e eu sempre joguei assim". Ferreira sabe que está sendo visado pela crônica e pelos juizes e se mostra disposto a parar com isso, mas desafia: — é preciso, também, que não me provoquem.

Chamam o nosso falso-Bocage de pau-de-arara, êle reconhece que é por causa da cara, mas não compreende, porque daquelas bandas só conhece Recife e assim mesmo de passagem... Quando recebe uma ripada, sorri: "Assim que eu gosto. Entra mais forte da próxima vez para ver se apanha de jeito". Joga de acôrdo com o adversário. Pão-pão, queijo-queijo: — jogou sério, eu jogo sério, deu duro, eu dou também. Não tem mêdo de cara feia e diz mesmo que quanto mais feia melhor. Não vão morder mesmo, admite. Só teve uma contusão séria em tôda a sua vida: no pé direito, de uma "delicadeza" de Tomires. Dois meses no estaleiro. Nunca foi expulso de campo; onde, então, a sua tão decantada deslealdade? Êste é Ferreira, que topa qualquer parada, mas que pretende sossegar. De fato, um falso-Bocage.

Um drible de corpo ajuda a safar do "inimigo". E depois que êle passa, só mesmo dizendo umas palavras amáveis. O nome feio, mesmo que pouco recomendável, ajuda.

Se eu tenho culpa, o que dizer dos meus marcadores? E o pior é que a crônica esportiva está me apontando como um mau elemento, um jogador cheio de truques.

Eu traço o caroço desde os tempos de Três Rios. Por isso, os marmanjos nunca foram com a minha cara. Quando havia briga séria, o meu irmão é que decidia a parada.

Dizem que eu tenho a bôca suja como Bocage. Largar uns "picilones" ao adversário, isso todos fazem. E por que só eu é que vou levar a fama de pornográfico?

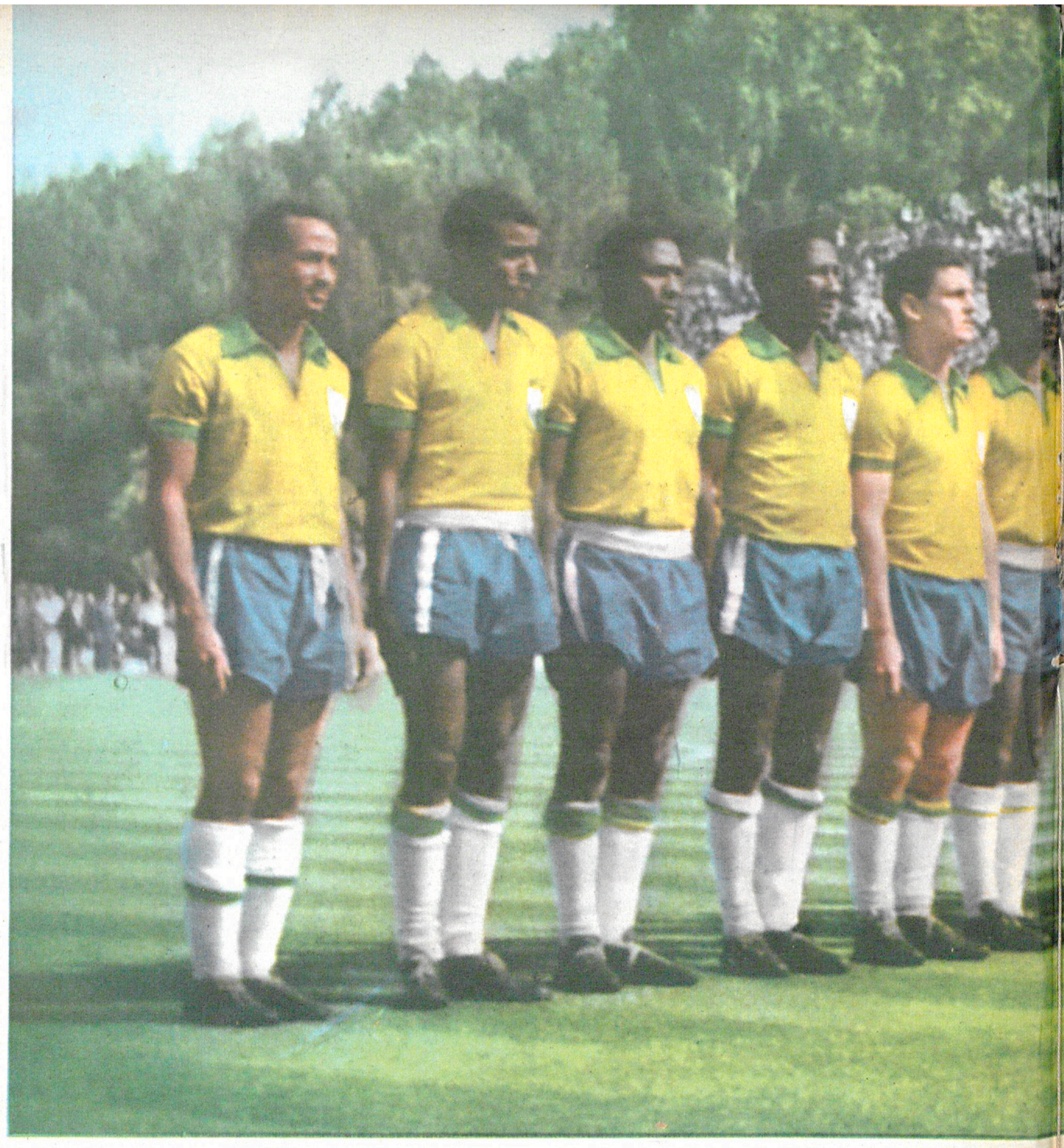
Quem gosta de trouxa é lavadeira. Se eu der sopa, êles me apanham. Como bobear com Orlando Maia, por exemplo? Aí é que é necessário ser um pouco de Bocage.

Quando levei uma pregada do Tomires, que me valeu dois meses de "estaleiro", queriam que eu dissesse o quê? A gente só encontra consôlo dizendo umas "verdade

MANCHETE
Esportiva

DEVE ser ressaltado, na peleja do Vale do Jamor, o progresso indiscutível do futebol português, hoje se rivalizando com os mais adiantados centros da Europa. A influência dos treinadores brasileiros Oto Glória e Yustrich é tão grande, que já pensam os lusos em contratar também Flávio Costa (para o Sporting). O Brasil, que seguiu para o Velho Mundo em busca do que se qualificou de "espírito de seleção", obteve a sua primeira vitória, por um esquálido marcador, é verdade, mas de qualquer modo sendo autor de um bonito feito. Segundo o que já se previa, a defesa brasileira portou-se magnìficamente, apenas o ataque não correspondendo. Depende de uma articulação que só o correr da campanha poderá mostrar. Pela resistência dos bravos pupilos de Tavares da Silva, o resultado dos brasileiros foi auspicioso. Nas fotos, as equipes que se digladiaram, em Lisboa.

EKTACHROME DE JADER NEVES

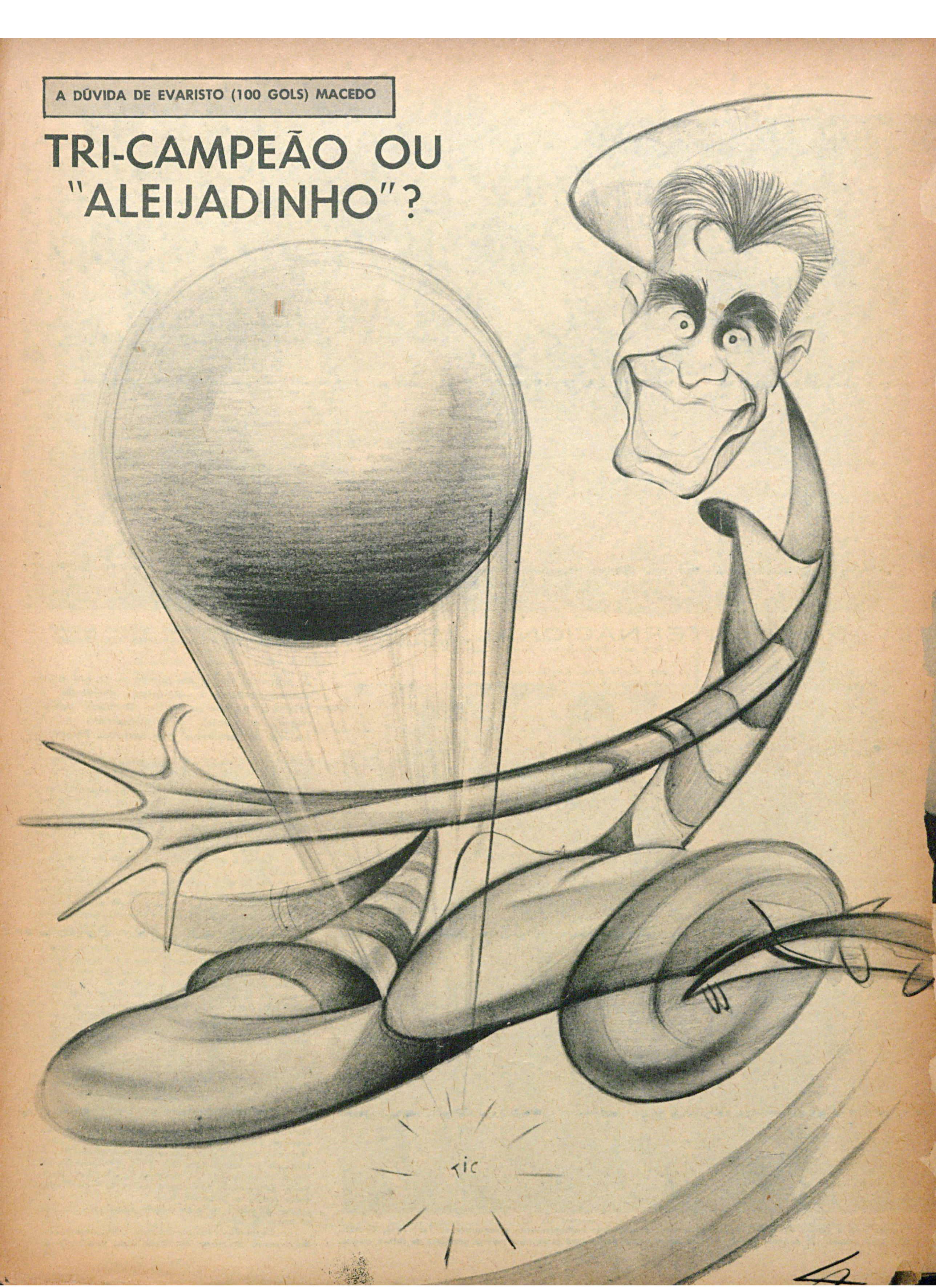


Para o Álbum da "Melhor de Três"

Dida foi, com muita propriedade, o "mocinho da negra". Mas, para chegar até à "negra", para conquistar definitivamente a "negra", o Flamengo teve um primeiro jôgo, uma primeira vitória, obtida por sinal dramática e espetacularmente. Pois o "mocinho" dessa primeira vitória foi Evaristo (100 gols) Macedo, tri-campeão carioca. O lance serve bem para o album da "melhor de três" entre Flamengo e América. Essa arrancada de Evaristo deu em nada, porque Pompéia, protegido por Rubens, fêz a defesa. E o "placard" mudo, ou em branco, com rubro-negros e americanos fazendo o possível e o impossível para conseguir sôbre o outro uma vantagem numérica. Mas Chamorro pegava tudo. Pompéia idem. Ou Leônidas chutava para fora, e Evaristo idem. E o tempo correndo, a torcida do Flamengo com o coração na mão, a torcida do América idem. Entretanto, o destino do match estava traçado. Quem não fazia fé em Evaristo, que torcia o nariz para Evaristo, ia dar o dito por não dito, ia dar a mão à palmatória. E o tempo correndo, os jogadores correndo com o tempo, ora para o gol de Chamorro, ora para o gol de Pompéia. E bola para os lados, e bola por cima, ora raspando a trave, ora subindo às nuvens. E Evaristo manhosamente, ou nervosamente, guardando para o fim o melhor da festa. E a torcida do América já convencida do empate e a torcida do Flamengo na dúvida. Até que Evaristo pegou aquela bola quase na altura da linha média dos rubros, pensou passar o couro, mas teve um lampejo, ao ver Edson recuar, abrindo para êle, Evaristo, grandes possibilidades de arremêsso. E Evaristo não deixou para depois o que podia fazer logo: atirou, atingiu a bola de lado, com tôda a fôrça e fé que Deus lhe deu. Era o caminho do tri-campeonato: Flamengo 1 x 0. Um gol que sacudiu o Maracanã, um gol conquistado em cima da hora. E Evaristo, que, meses atrás, julgara-se inutilizado, um "Aleijadinho" do futebol, acreditou, mais do que nunca, na conquista do tri-campeonato. Nas páginas seguintes, a história do jovem Evaristo (100 gols) Macedo, um dos grandes do Flamengo.

A DÚVIDA DE EVARISTO (100 GOLS) MACEDO

TRI-CAMPEÃO OU "ALEIJADINHO"?



A DÚVIDA DE EVARISTO (100 GOLS) MACEDO

EVARISTO INTERNACIONAL.

MARCA SENSACIONALMENTE UM GOL CONTRA UM QUADRO ALEMÃO. TEMPORADA QUE FOI REALIZADA EM 1954. (GOL DE AUTÊNTICO CRAQUE).

A primeira luz: o Madureira — O gol para museu: contra o América, decidindo a primeira "melhor de três" — O "onze" rubro-negro, o scratch do campeonato — A história do "artilheiro" que derrubou Pompéia.

DE PAULO RODRIGUES

EVARISTO (100 gols) Macedo, daqui mesmo, Distrito Federal, nascido no dia 22 de junho de 1933, está quase, quase gravando um disco sôbre as suas impressões do gol que deu a vitória ao Flamengo na primeira partida da série "melhor de três" com o América.

— Como é que aconteceu a queda de Pompéia, Evaristo ?

— Foi assim : quase no meio do campo, recebi a bola de costas para o gol do América. Foi o tempo de me virar, de "matar" a bola e raciocinar : dessa distância, nem adianta tentar o arremate. O jeito é passar a bola, sem perder tempo. Eis porém que vejo Edson recuar. Penso, então : é a hora de jogar o último cartucho, o descarregar o último "tiro". Dito e feito. Dei, no "shoot", tôda a fôrça que podia dar. O resto foi torcer para a bola entrar, e torci mesmo, torci mais do que a torcida do Flamengo. E quando vi a bola no fundo das rêdes, confesso : senti frio, senti calor, fiquei atordoado, numa alegria louca. Para mim, foi êsse o gol mais sensacional, mais emociante e mais valioso de tôda a minha carreira.

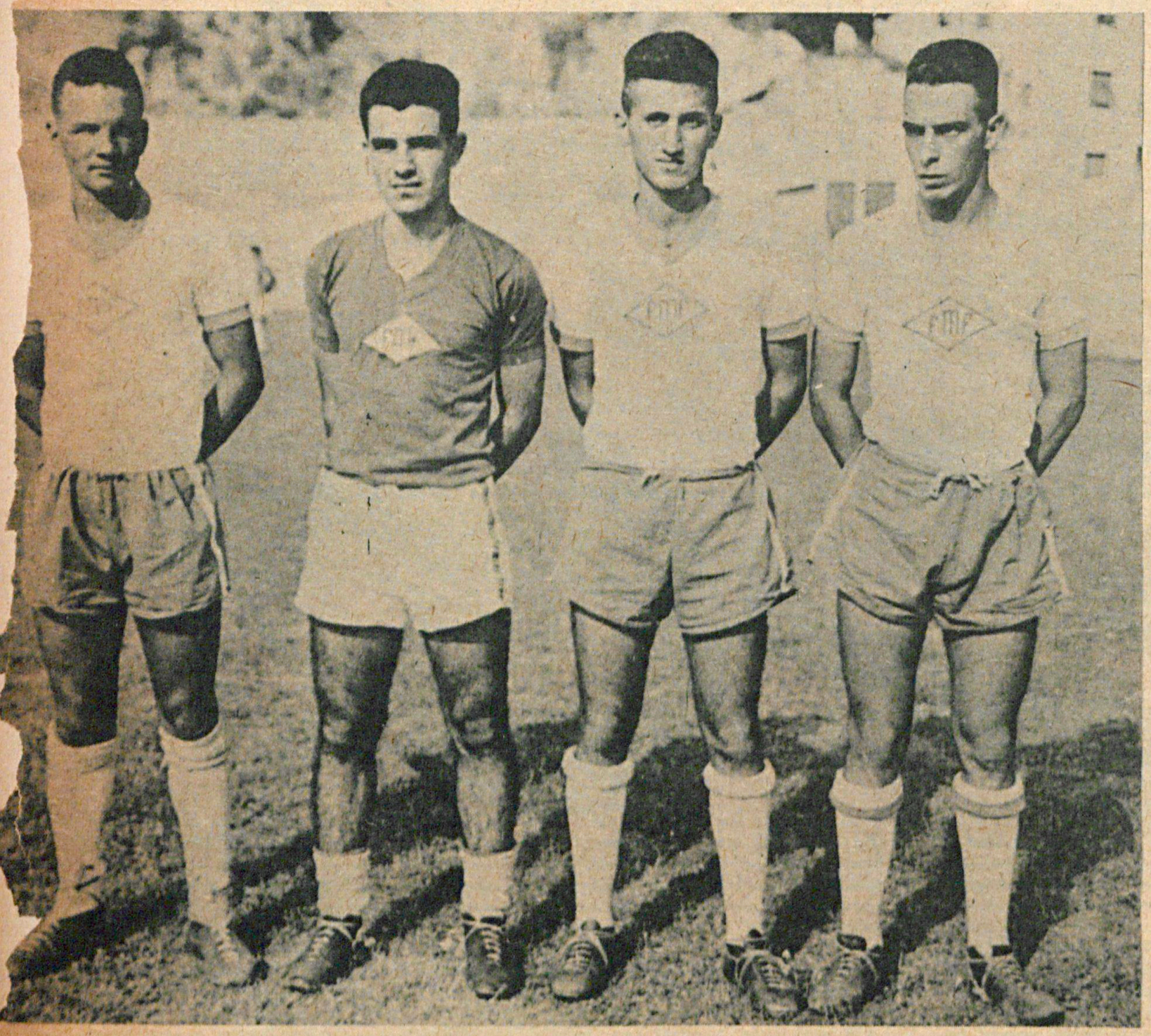
O EX-FUTURO "ALEIJADINHO"

Evaristo (100 gols) Macedo teve que dar muito murro, ou melhor, muito "shoot" para ficar célebre ? Evaristo dá a ficha :

— Cria. mesmo, fui cria do Madureira. No Madureira me fiz, do Madureira saí para ser campeão amador, Taça Paulo Goulart, do Madureira saí para Helsinki, scratch olímpico. Já, então, conhecido, o ihgresso no Flamengo, em 1953 (meu primeiro título de campeão) foi questão de conversa, nada mais. Entretanto, não cuspo no prato : no Madureira recebi a primeira luz.

— A maior, a mais funda impressão de sua carreira, Evaristo ?

— Futebolìsticamente falando, o bi-campeonato. Mas, como defensor do Madureira, vencendo os



Evaristo com a camisa da F.M.F. Boa performance, conseguindo brilhantemente a conquista da Taça Paulo Goulart. Campeão amador. Já naquela época, o meia rubro-negro despontava como uma radiosa promessa de futuro craque.

Evaristo no ataque do Madureira que marcou cinco gols contra um dos Milionários da Colômbia. Genuíno estava no apogeu. Foi uma grande façanha do então "artilheiro" do grêmio tricolor suburbano. Colaborou com eficiência.

Milionários da Colômbia por 5 a 1, até que fiquei de pernas bambas, emocionado de verdade.

— Nada mais, Evaristo ?

— Houve mais. Que me deixou aterrado. Bicampeão, sonhando com o tri-campeonato, sofri uma contusão de mau caráter. Rutura parcial dos ligamentos do joelho esquerdo. Parecia que estava liquidado, que me transformaria de "artilheiro" que era em aleijadinho. Foram dois meses de dúvidas terríveis. Pouco a pouco, felizmente, êsse pessimismo foi cedendo. E então, fora de forma, entro para o time novamente. E foi aquela água, ou aquela corrida para o tri.

— Por falar nisso, Evaristo, como formaria você o scratch do campeonato ?

— Excluindo a mim, obviamente, de resto o "onze" do Flamengo, sem tirar nem pôr.

BATE-BOLA COM EVARISTO

— O marcador mais marcador que já cruzou seu caminho, Evaristo ?

— Já peguei gente boa, gente dura, gente eficiente na marcação, em suma. Não obstante, acredito que tenha sido Clóvis, do Fluminense, o jogador que mais e melhor embaralhou meus passos. Não dei uma dentro naquele Fla-Flu do terceiro turno.

— Pode apontar o maior jogador do Flamengo?

— Joel, a quem considero um atacante completo e de alta categoria.

— O futebol já lhe deu muito dinheiro ?

— Muito, sim. Talvez um milhão de cruzeiros. Mas, quer saber, gasto muito, vivo a vida, e isso custa caro. A prova é que não tenha nada, ou pràticamente nada, em dinheiro, diga-se de passagem.

— Abstêmio ?

— Nem tanto. Mas não sou louco para passar da conta. Nunca.

— Qual o keeper que lhe deixou maior impressão ?

— Castilho, na fase áurea. Digamos, de 50 a 52.

— Projetos para o futuro ?

— Mais quatro anos de bola.

— Só ?

— Só. Há uma nova carreira a seguir: advocacia.

— Acha difícil fazer gols ?

— De perto, nem tanto. De longe, porém, depende, acima de tudo, de boa estrêla.

— Quando um match de futebol enche as medidas ?

— Quando se faz um match normal, em todos os sentidos. Sem acidentes ou incidentes.

— Aceita críticas ?

— Tal e qual um apêrto de mão. Sou de boa fé e, principalmente, imperfeito, como qualquer ser humano.

— A falta de Martim Francisco liquidou o América ?

— Bem, o América tem um time armado, com jogadores de alta classe. Em todo caso, admitamos: a falta de Martim influiu de uma maneira psicológica, mas influiu.

— Em que parte do campo você se sente um Sansão ?

— Dentro da área, claro.

— Acha que conhece perfeitamente sua posição ?

— Pelo menos, não conheci outra, desde que iniciei a carreira, ainda como juvenil. E, por mim, não penso jogar em outra posição, quero ser meia-esquerda a vida tôda.

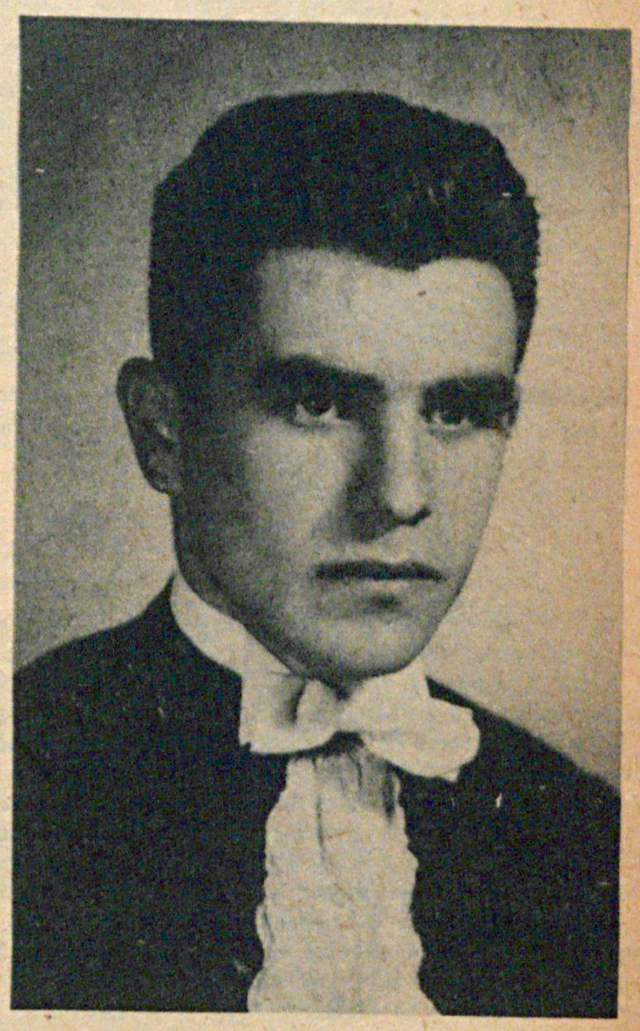
— Algum amor infeliz, Evaristo ?

— Alto lá. Amor, sim, mas feliz, para casar.

Com Luís Vinhais, Newton Cardoso, o técnico, e companheiros de equipe, Evaristo embarca para Helsinki como craque olímpico. E lá nas Olimpíadas, a seleção brasileira brilhou intensamente, apesar de formada por juvenis.

EVARISTO NO TEMPO DOS BALÕES E DOS DIPLOMAS

Evaristo (zero gol) Macedo quando gostava era de circo, de bala, balão e outras coisas que tais. Cresceu e deu no que deu: grande craque.



O craque Evaristo já fêz um curso. Está fazendo outro. Quando se formar será advogado. E para trabalhar.

Oficial do Exército. Dia feliz para seu pai, que também foi craque, um grande keeper. Pelo futebol não seguiu a carreira gloriosa das armas.